

# BOLETIM



FORMAÇÃO EM  
PSICANÁLISE  
ANO IX VOL. IX Nº 2 JULHO/DEZEMBRO 2000



PUBLICAÇÃO DO  
DEPARTAMENTO  
FORMAÇÃO EM  
PSICANÁLISE DO  
INSTITUTO SEDES  
SAPIENTIAE

# **Publicação do Departamento Formação em Psicanálise**

## **Comissão de Publicação:**

### **Comissão Editorial**

Margarida Azevedo Dupas, Suzana Kiefer Kruchin, Elizabeth Fonseca, Francisca Teixeira, Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, Antonio Sérgio Gonçalves, José Carlos Garcia e Lineu Matos Silveira (coordenador)

### **Comissão Editorial do jornal Acto-Falho**

Margaret Simas Ramos Marques (coordenadora), Fernanda Poças de Oliveira e Rita Andréa Alcântara de Mello

### **Grupo de Resenhas**

Cristiane da Silva Geraldo Folino, Neusa Maria Alves Costa, Margaret Simas Ramos Marques, Myrna Levy Ruscio, Margarida Azevedo Dupas, Suzana Kiefer Kruchin, Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, Lineu Matos Silveira e Suzana Alves Viana (coordenadora)

### **Conselho Editorial do Boletim Formação em Psicanálise**

Claudia Paula Leicand, Ede de Oliveira, Flávio Ferraz, Francisca Teixeira, Heloísa Ópice, José Carlos Garcia, José F. Miguel H. Bairrão, Maria Lúcia Castilho Romera, Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, Marly Goulart, Nora Miguez, Suzana Alves Viana e Maria Emília Lino da Silva

### **Jornalista Responsável**

Marcos Daniel Cézari – MTPS – 11.193

### **Revisão Português**

Mariângela Fátima Paganini

### **Projeto Gráfico**

Yvone Saruê

### **Para adquirir o Boletim Formação em Psicanálise:**

Secretaria do Instituto Sedes Sapientiae: 3873-2314

### **Instituto Sedes Sapientiae**

Rua Ministro Godói, 1484 – Perdizes

05015-900 – São Paulo – SP – Fone: 3873-2314

E-mail: [sedes@sedes.org.br](mailto:sedes@sedes.org.br)

Home-page: [www.sedes.org.br](http://www.sedes.org.br)

**Se você é aluno, ex-aluno ou tem interesse em receber comunicados e programação de eventos do Departamento Formação em Psicanálise, favor atualizar ou cadastrar seu endereço pelos telefones: 3866-2731 / 3866-2732/ 3866-2734 ou através do site: [www.sedes.org.br](http://www.sedes.org.br)**

09 OUT 2003

TOMBO Nº 227

EDITORIAL

ex 2

EDITORIAL

A  
Biblioteca  
Madre  
Cristina  
2001

A revista Boletim Formação em Psicanálise tem para nós, da comissão editorial, um inequívoco sentido de conquista e realização. Foram muitos os colaboradores que partilharam conosco este caminho e outros tantos os que nos antecederam nos méritos desta conquista. Com certeza, muitos serão aqueles que nos sucederão neste destino de veiculação da produção psicanalítica não apenas de nosso departamento, mas também a de outros colegas com ou sem vinculação institucional, cujo trabalho tenha merecido nosso reconhecimento enquanto produção científica.

Cada idéia manifestada aqui ao longo de todos esses anos buscou dar expressão a formas de pensar a psicanálise que pudessem abarcar, mais que as certezas, todas as nossas inquietações e perplexidades advindas de nosso trabalho como clínicos.

Consideramos que a relação do analista com a clínica é uma constante e intrigante pesquisa, onde o pensamento se liga a uma experiência fundamental: a do texto a ser escrito. Em sendo assim, a escrita é o testemunho do texto psicanalítico. Na sua forma, nos seus arranjos, enfim no modo como se organiza para se publicar, é testemunha silenciosa, mas definitiva, do infundável da pesquisa psicanalítica que, ao se finalizar num texto, já é relançada sob a forma de uma outra questão, ou de uma outra pergunta. Para nós do Boletim, a psicanálise não está contida nos limites conceituais ou políticos de nenhuma das escolas que, ao longo do tempo, foram se estruturando a partir de autores cuja exuberância criativa e consistência intelectual geraram seguidores e formaram instituições. Na verdade, pautamo-nos, para a escolha de nossas publicações, pela seriedade com que são levados adiante cada um dos temas desenvolvidos, independentemente das correntes cujo pensamento psicanalítico eles representam.

Acreditando firmemente nesses pontos de vista, temos nos dedicado a edificar um espaço institucional plural, onde possamos praticar a confrontação de idéias e extrair daí os estímulos necessários para a elaboração de paradigmas que possam enriquecer o perene percurso de nossa formação como analistas.

Acalentamos a sincera expectativa de que cada número deste Boletim possa conduzir à reflexão a respeito de nossa prática e levar cada colega, cujo interesse consigamos alcançar, a sentir-se convidado a partilhar conosco suas experiências e sua forma de pensar, contribuindo assim para gerar maiores recursos para consolidação de nossa comunidade psicanalítica.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte (CIP)  
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

---

Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae,  
Departamento Formação em Psicanálise. – Vol. 1, no. 1 (maio/  
jun. 1992)– . – São Paulo : O Departamento, 1992–

v. 9, nº2, (jul./dez. 2000)

Semestral

Periodicidade semestral a partir do v. 2, no. 1, 1993

ISSN 1517-4506

1. Psicanálise - Periódicos. I. Instituto Sedes Sapientiae. Depar-  
tamento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

---



## S U M Á R I O

### ARTIGOS

Clínica e Sociedade: O que será um Psicanalista?

*José F. Miguel H. Bairrão*

7

Criança Ensaio sobre a Subjetivação

*Luis Eduardo P. Aragon*

23

Psicoterapia na Adolescência

*Marly T. M. Goulart*

31

Notas sobre “Sobre o Tédio”

*Ceppan*

49

Sobre o Tédio

*Eric Bidand*

*Traduzido por Claudia M. Pacheco*

49

### LEITURA

Concepção e Narcisismo de Vida

*Marina Ferreira da Rosa Ribeiro*

63

### RESENHA

O *Setting* na Análise de Crianças

*Margarida Azevedo Dupas*

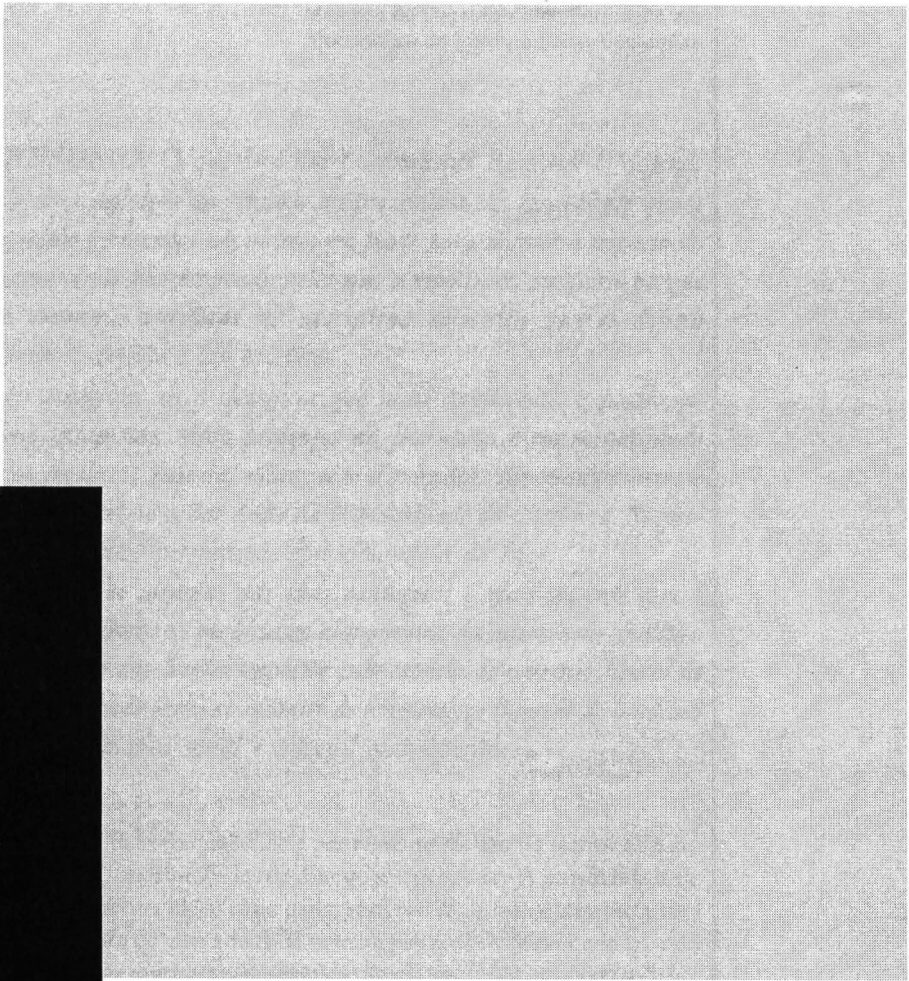
73

### NORMAS

Normas de Apresentação e Encaminhamento de  
Trabalhos

77





**A R T I G O S**



## CLÍNICA E SOCIEDADE: O QUE SERÁ UM PSICANALISTA?

**José F. Miguel H. Bairrão**

Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e  
Letras de Ribeirão Preto/USP  
Membro do Departamento Formação em  
Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

**RESUMO:** *O que será um psicanalista? Respondê-lo depende de uma definição do estatuto da psicanálise. É conveniente que a questão permaneça em aberto, em parte para manter o impacto do inconsciente não esquecido pelos que o vivenciam, em parte porque a extrema novidade da disciplina dificulta que se defina conclusivamente o seu estatuto.*

*As tentativas de a classificar que mais comumente, explícita ou implicitamente, estão presentes na literatura e na mentalidade dos analistas (ciência, ofício, arte e religião), são manifestamente insuficientes para dar conta da singularidade da disciplina. Sugere-se uma outra perspectiva, aproximando-a da ética.*

*Discutem-se algumas das suas vantagens: é mais coerente com o fazer da clínica e é propícia ao alargamento da intervenção analítica para além dos limites impostos pelo modelo de exercício liberal de uma profissão (indo ao encontro de uma melhor inserção do analítico na problemática social e cultural contemporânea).*

Em benefício da qualidade e permanente revisão da formação e em prol dos pacientes, oportunidades de diálogo são preciosas. A possibilidade de aprofundar e confrontar idéias entre pares é um privilégio raro e imprescindível ao desenvolvimento de uma atividade como a psicanálise. Mais ainda quando se leva em conta que o seu âmago, a prática clínica, implica numa certa solidão.

Nesse sentido, proponho uma reflexão em torno de uma pergunta que seria sábio preservar como tal, mantendo a resposta em aberto, e reiterar habitualmente. Legítimas preocupações quanto ao futuro da psicanálise, em

certa medida nas mãos dos analistas, sublinham-se na sua formulação pelo emprego no tempo futuro do verbo “ser”.

O que será um psicanalista?

O fato de perguntar de algum modo deixa o proponente numa posição confortável, visto que se espera que a resposta venha dos interlocutores... Mas, brincadeiras à parte, o sério é que é prejudicial ao progresso da investigação teórica e clínica que algumas das suas indagações nucleares se fechem em respostas dogmáticas.

Os psicanalistas sabem que perguntar pode ser um excelente modo de responder, porém isso não os desobriga de um compromisso com o percurso que leva à elaboração de uma questão. Tanto é indevido livrar-se do problema não o tematizando, quanto solucionando-o apressada e conclusivamente.

A prudente reserva de o conservar suficientemente sem resposta (definitiva) para que se o possa retomar assiduamente pode constituir-se em antídoto contra o risco de o cotidiano exercício de uma profissão se sobrepôr ao trabalho do inconsciente, obstando ao esquecimento da precariedade da circunstância humana, inevitavelmente posta em jogo para os protagonistas de uma análise no decurso da mesma.

Uma vez socializada e compartilhada, manter a indagação enquanto tal presta-se ao encaminhamento de uma reflexão sobre a crise atual, multidimensional, da psicanálise. E em função das preocupações que o seu desenvolvimento inspira, não me parece haver nem melhor nem mais útil alternativa do que dizer e explicitar clara, direta e francamente o que no momento não sei a esse respeito.

Poderia partir-se de uma analogia (tosca) entre a imaturidade da disciplina e o tempo da adolescência. É como se aproximadamente aos cem anos, já com alguma experiência de vida (ainda que mínima na escala da história da cultura), a psicanálise se interrogasse sobre o que vai ser se e quando crescer.

Prosseguindo com a analogia, digamos que é chegado o momento de não apenas se fantasiar gente crescida, mas de se afligir com a saída da casa dos pais: a iminente e angustiante entrada no “mundo de fora”.

Em que medida os fundamentos recebidos nas origens, muitas vezes ainda mal digeridos, vão ser suficientes para estabelecer uma relação bem sucedida da psicanálise com a imensidade (do ser, da vida, da mente, etc. ...)? Não recuará para um ensimesmamento de pendor, por assim dizer, autista? Poderá adolecer sem se precipitar num precoce esclerosamento, encobrendo memórias de descobertas em dogmas enquistados?

O perigo é real. Não obstante podermos beneficiar-nos do irreverente pendor brasileiro para o sincretismo (recheado dos perigos do ecletismo mas contraponto providencial contra o endurecimento das cabeças e a concomitante perda da lucidez e do espírito lúdico imprescindíveis ao pensar criativo), embora

herdeiros de uma época em que o amplo predomínio na universidade da chamada escola inglesa “se miscigenou” com o que viria a ser o lacanismo tupiniquim (que então emitia os seus primeiros balbucios), parece que essas “facilitações” pouco ou raramente se consubstanciam em subsídios e autorização para a liberdade de pensamento.

Como habitualmente acontece entre os pensadores e as doutrinas socialmente estabelecidas em seus nomes — e a psicanálise não está isenta disso —, freqüentemente nos deparamos com uma situação em que uma reflexão rica, cheia de possibilidades, fértil em problemas, sugestiva de desdobramentos se achata em como que um catecismo “*prêt-à-porter*”, que não lhe faz justiça nem explora devidamente a sua contribuição para o progresso do pensamento. O conforto doutrinário encolhe a fertilidade de um pensamento.

Situação banal no campo dos “ismos”, esta condição afeta sobremaneira a recepção da obra de um psicanalista que reconheço como parceiro privilegiado na tarefa de me auxiliar a pensar a psicanálise. Lacan, no Brasil mais do que noutros lugares, chegou “embalado” em escombros do “marxismo-estruturalismo” althusseriano, pródigo no achar formulações instigantes ao mergulho no desconhecido em conjuntos sabidos de fórmulas; propenso a reduzir um pensamento “encorpado” em ressonâncias poéticas a uma espécie de cálculo do “pulsional abstrato”.

Ora, o que um grande autor nos deixa de mais rico não são as simplificações das suas idéias em sistemas de respostas prontas e acabadas. São os problemas que pensou e os impasses que percorreu. Uma verdadeira formação não deve omitir as dúvidas, os problemas, enfim, os desconhecimentos. Estes são o tesouro a ser transmitido e portanto não é vergonhoso apresentar ralas respostas às grandes questões concernentes ao âmago da prática psicanalítica.

Sabendo que se sabe pouco, em psicanálise cresce-se quando se aprende a valorizar mais saber não saber do que saber. A par de ser próprio de um respeito para com o fato do inconsciente, a arrogância sabichona (mantendo a analogia) é típica de uma juventude que precisa adolecer bem.

Lacan mesmo sublinha como momento de uma análise madura a experiência de trocar a confiança no saber do outro pela responsabilidade de se perceber e de o perceber “não sabedor”. Analisantes e analistas passam pela prova de fogo de se verem avançando no desconhecido. A capacidade para o enfrentar é, por assim dizer, uma habilidade inerente ao “*métier*”. A partir de certa altura de uma análise (e do analista), conta menos o que se sabe do que a conduta perante o não sabido.

Portanto, não estará mal encaminhada a pergunta que nos trago se se tomar como ponto de partida a suspensão das respostas rápidas, prontas, ligeiras...

O problema proposto tem uma resposta tautológica (inútil do ponto de vista do acréscimo do saber, mas sempre verdadeira): “O analista é o operador

de uma análise”.

O “x” em aberto é o que seria uma análise. Acrescentaria nada dizer que é o que faz o analista...

Abra-se um parêntese para recordar que embora seja impensável escamotear a clínica, ela só por si não é um argumento nem pode “falar” respostas. Não é auto-explicativa e nem sempre informa muito: além de se registrarem grandes sucessos, constatam-se tremendos fracassos, e muitas vezes isso apenas “se explica” a posteriori, o que pode indicar uma mera construção retórica. Pior, não há garantia de que as explicações do sucesso ou do fracasso confirmam com a verdade (seja lá isso, a verdade, o que for). A psicanálise nos ensina a desconfiar das explicações dadas. Para complicar as coisas, ainda por cima pode haver sucesso a partir de práticas que estão longe do que se admita como análise.

Portanto, no plano estritamente clínico, o problema persiste insolucionável. É melhor fundamentá-lo no campo próprio que lhe dá consistência, o da razão humana, naturalmente refletindo a experiência, mas sem a ingenuidade de crer que esta é auto-reveladora.

Só se prospectará o que será o analista se previamente se examinar o que seja a psicanálise, e como nenhum destes dois momentos do nosso problema pode dissolver-se exaltando a clínica, para equacioná-lo no patamar devido tomo apoio na contribuição de Lacan à reflexão sobre o estatuto da psicanálise (obviamente solidário do que se estabelece como o estatuto do analista).

Parto de dois enunciados que recorto na sua obra, que me são particularmente caros.

Lacan pergunta-se:

“O que é que o analisante vem procurar na análise? Vem procurar o que tem a encontrar, ou, mais exatamente, se procura é porque há alguma coisa a encontrar. E a única coisa que para ele há a encontrar, falando propriamente, é o tropo dos tropos, o que se chama seu destino” (Lacan, 1991, p.372).

Em que pesem os achatamentos teóricos promovidos pelo furor formalizante de epígonos, Lacan ensina que, para além do patamar comunicativo e das figuras de estilo, a Palavra cifra o horizonte do tempo de vir a ser de cada sujeito, o seu destino. O destino cifra-se em palavras atuantes no acontecer (do) sujeito (Bairrão, 1996).

O que então se encontra, numa análise, não é um autoconhecimento. É o próprio ser, em devir:

“Kern unseres wesen”, o nó de meu ser, não é tanto isso que Freud nos ordena visar, como tantos outros o fizeram antes dele, pelo vão adágio “Conhece a ti mesmo”. São apenas as vias que aí conduzem que nos dá para revisar.

“Ou melhor, o que nos propõe alcançar não é o que possa ser objeto de um conhecimento, mas aquilo — não o diz? — que faz o meu ser e de que

nos ensina que testemunho tanto e mais nos meus caprichos, nas minhas aberrações, nas minhas fobias e nos meus fetiches, do que no meu personagem vagamente policiado” (Lacan, 1966, p.526).

Em análise, o sujeito encontra-se ser, mas insubstantivo, feito de atos temporalmente produtores de sentido:

“É que ao tocar por pouco que seja a relação do homem ao significante... muda-se o curso de sua história modificando as amarras do seu ser” (idem, p.527).

As duas teses — analisar é transformar o ser e o que se atinge é o destino —, ao se combinarem, uma vez que ser é “feito significante” que sucede temporalmente, permitem deduzir que no ato analítico (na medida em que se atingem as “cordas significantes” que são as “amarras” do ser sujeito) muda-se o destino (Bairrão, 1996).

Logo, analisar é mudar o destino.

Esta tese me parece suficientemente convincente para se constituir em eixo de referência e ponto de partida para um exame de algumas tomadas de posição sobre o estatuto da análise que de vez em quando são retomadas na nossa comunidade, para em seguida apontar o horizonte diferente para o qual, a meu ver, apontam.

Diga-se de passagem que hesitações e ambigüidades relativamente a um ponto tão básico como o estatuto da disciplina, embora obviamente possam levar a algum constrangimento quando se fazem públicas no concerto geral da cultura, são inevitáveis pela radicalidade e novidade da psicanálise.

Os modelos de entendimento do problema do estatuto da psicanálise (correlativo do do psicanalista) que consegui isolar, freqüentemente mais explícita ou implicitamente defendidos, são quatro:

1. O modelo científico: a psicanálise é uma ciência, uma psicologia bem feita.

2. O modelo do ofício: é um trabalho de tipo artesanal.

3. O modelo da arte: uma prática “sensível” que se enraíza no talento e na criatividade de cada analista.

4. O modelo religioso: a psicanálise é uma doutrina que oferece um sentido completo para a aventura humana (numericamente este é o mais comum, mas não é defendido por ninguém).

O modelo da psicanálise como conhecimento científico, o mais professado explicitamente, subdivide-se nas diversas correntes epistemológicas que competem pela hegemonia no campo das ciências humanas. Há aqueles que se empenham em aproximar a psicanálise da ciência num sentido forte (e restrito): uma combinação de enunciados teóricos logicamente encadeados e confirmados por fatos empíricos. Desta maneira enredam-se em polêmicas sobre o estatuto e as condições do empírico em psicanálise, servindo de alvo fácil para ilustrações de equívocos entendimentos do método científico. Afinal, as regras do jogo escolhido já foram implicitamente aceitas. Por isso, toda e

qualquer tentativa nesta direção deveria, antes, dar conta da crítica demolidora promovida por Wittgenstein (1971) e por Popper (1980), especialmente o primeiro (que em boa parte está por trás e provavelmente persistirá sendo a principal fonte das críticas à psicanálise provenientes do horizonte intelectual anglo-saxão).

Do ponto de vista destes, muito abreviadamente, a psicanálise não passaria de uma retórica pseudo científica. Enunciados que não se baseiam no empírico mas sim em interpretações da descrição lingüística da experiência, narrativas que não podem ser contrastadas com fatos, hipóteses sempre confirmadas mesmo que os dados as contrariem, definiriam um quadro de confusão ou mesmo de desonestidade intelectual. Os principais conceitos psicanalíticos seriam metafísicos, sem nenhuma base empírica, tendo o mesmo alcance que qualquer outra retórica suficientemente persuasiva. O psicanalista seria o sofista moderno: é pago e bem pago para “provar” retoricamente qualquer coisa.

Os analistas defensores da cientificidade da psicanálise nestes termos deveriam justificar melhor o que poderia ser uma plataforma empírica para a psicanálise, em vez de virarem alvo fácil e didático para ilustrações de más aplicações do método científico. Argumentar, pateticamente, com a experiência pessoal da clínica não tem valor perante a razão científica, que exige dados objetivos e públicos. Ao olhar de seus críticos, deste modo a psicanálise em nada se diferenciaria do discurso místico, fazendo um uso puramente “retórico” do método científico e aspirando ao favor gratuito de exigências diferenciadas.

De qualquer modo, as críticas wittgensteinianas à psicanálise deveriam ser muito bem estudadas por todos os formadores de psicanalistas. Especialmente os que falam em ciência da mente, ou investigação (conhecimento) da mente, precisam explicar-se muito bem, sob pena de se isolarem da cultura contemporânea.

Noutra perspectiva (mas ainda neste primeiro grupo) estão aqueles que diferenciam as ciências do espírito das ciências naturais, exigindo uma multiplicidade de métodos para a diversidade das ciências. Em geral marcados pela fenomenologia, insistem na especificidade de uma metodologia própria para o humano em geral e o inconsciente em particular, propondo o alargamento da noção de ciência de maneira que inclua a psicanálise. Mas se não houver critérios extrínsecos ao campo analítico ou que possam ser debatidos por gente de fora, não iniciada, pode-se de novo cair em algo puramente retórico, ou mesmo esvaziar o termo “ciência” (tudo passa a ser “ciência”, a astrologia, os florais...), em última instância incorrendo-se numa valorização puramente ideológica do mesmo, sem nenhum efeito do ponto de vista de um progresso teórico efetivo.

Em suma, as propostas científicas, as “psicologias”, precisam evitar facilidades retóricas que apenas conduzem a um isolamento, restringindo a psicanálise a um gueto sectário que a leva a uma progressiva perda de qualquer

influência na cultura contemporânea. Em que pese o (ainda) grande prestígio da cientificidade, certamente merecido, é descabido tentar manter-se no seu bojo a qualquer custo, sob pena de um barateamento geral.

O modelo do “ofício” (e agora, mesmo no âmbito lacaniano, multiplicam-se as “oficinas”) tem a vantagem de sublinhar que, tal como na atividade do artesão, cada peça (caso) é uma peça (caso). Reconhece e evidencia a impossibilidade de tratar por alto e genericamente, ao modo universalizante do conhecimento científico, a clínica psicanalítica. Diferencia-a da psicologia clínica por valorizar menos um conhecimento do objeto e mais um “aprender a fazer” (o psicanalista estaria mais para um velho lobo do mar do que para um oceanógrafo), o que é positivo. Mas apresenta como grande desvantagem que, ao fortalecer o elo entre mestre e aprendiz, não permite dar conta eficazmente da necessária distinção entre a formação do discípulo e o modelo proporcionado pelo mestre. O mestre aparece como quem sabe para aquele discípulo. A diferença tende a instaurar-se em discórdia, e ficam faltando meios para uma avaliação menos dual dos procedimentos, mais sobranceira. Ou seja, este modelo prescinde da proposta de um conhecimento genérico, mas postula uma relação de aprendizagem e não fornece meios para que esta seja avaliada. Portanto apresenta, a par de algumas qualidades, desvantagens significativas.

De todos, o terceiro modelo, o artístico na acepção da apreensão e da criação estéticas, é talvez o mais interessante e mais insuficiente, se não pernicioso. Interessante porque valoriza possibilidades de escuta para além do entendimento dos significados. Porém, freqüentemente nem pretende nem alcança rigor para se formular em categorias não impressionistas. Por exemplo, a idéia de escutar como se ouve uma partitura musical é interessante, mas desconheço se alguma vez isso foi além de uma vaga indicação, quase poética, sobre o trabalho interpretativo. Pode ter valor clínico, mas sem maior alcance teórico. Apesar de pleitear uma escuta para além dos significados, o modelo não consegue teorizar o que seria isso.

Além disso, em geral pressupõe uma visão romântica do trabalho artístico, crédula em “dons” e em genialidades.

A pior decorrência desta perspectiva é que o psicanalista, mesmo que retoricamente se esconda atrás de uma falsa humildade, passa a ter um papel “gordo”: tudo depende do seu talento e este é (quase) inexplicável. É como que um “dom” (o que inviabiliza qualquer explicitação de uma transmissão). Enfim, vulgariza-se a dimensão inefável inerente ao trabalho analítico, falando demais a seu respeito!

Eventualmente os seus proponentes podem incorrer em ataques à exatidão científica, valorizando uma fantasia do que seria o trabalho da magia... Mas os que assim procedem desconhecem o rigor da magia e a criatividade do trabalho científico.

Depreciam a teoria como prosa sem valor, em prol de um enaltecimento da cor da vida, contra o cinza da teoria. Porém, esta é uma atitude

fora de lugar, porque se a teoria for cinza, na hora da exposição, fotografias coloridas não devem ser exibidas...

Estas críticas não são novidade, mas há um ponto que não se aponta tanto e me parece decisivo. O paciente não é matéria-prima passiva, disposta ao cinzel de um escultor, o analista. O rigor aconselha que o talento, do ponto de vista artístico, no caso, fique mais por conta do paciente.

Mesmo quando é este que é concebido como o ator principal, é bom lembrar que o drama da sua existência não deveria se apresentar ao analista como um espetáculo a ser apreciado.

Há ainda o quarto modelo, o religioso, sempre involuntário e indevido, porém menos raro do que parece. Neste, a psicanálise e cada uma das suas “linhas” são implicitamente tratadas como visões de mundo concorrentes com outras. É o comum entendimento dogmático e doutrinário da psicanálise.

Apesar de ninguém o admirar, infelizmente tem largo curso em políticas de formação corporativas que ensinam “doutrinas”, saberes prontos, implicadoras de transferências traiçoeiras (incompatíveis com o pouco saber no nosso campo), não verdadeiras, que acima de tudo distorcem a forma de produção de conhecimento em psicanálise, encarando os resultados de pesquisas dos diversos autores como se fossem verdades reveladas.

Ninguém o defende, nem sequer o admite, mas tenho a certeza de que isso é realmente muito comum e o pior é o desconhecimento disso.

A perspectiva religiosa tem como principal contra-indicação o seu cunho de impostura. Inverte as trevas em que a nossa prática se debruça numa artificial luz de néon, oferecendo garantias impossíveis, como se alguém tivesse o domínio claro dos porões da alma humana.

A meu ver isso torna perigoso o ensino da psicanálise em função de linhas, doutrinas, pregações. Teria o discípulo de escolher no mercado das adesões aquela “opção” que mais o seduzisse? Fica parecendo que a busca da verdade e o confronto de argumentos não têm nenhum peso. Em vez disso haveria um mercado livre de idéias (mercado “livre” e livre de idéias!) onde se vão comparar vantagens, preços, etc. Assim a psicanálise acaba.

Seria possível forjar uma quinta perspectiva, mais coerente com as teses que nos guiam?

Praticamente desconhecida, pretendo comentá-la tal como se sugere na obra lacaniana, mas sem presumir que fosse uma sua “escolha”, pois em momentos diferentes o autor apresentou subsídios para a discussão do estatuto da psicanálise e do psicanalista em diversas direções. Corretamente, na sua função de formador, deixou o problema em aberto.

Independentemente de ser mais uma “opção” (o que pouco importa), essa perspectiva me é particularmente cara por fazer eco às teses que são o nosso ponto de partida. Favorece um mergulho vertical e radical nas conseqüências lógicas deste, propiciando que se extraiam e

detalhem as suas nuances, facilitando o seu cotejamento com a experiência de análise.

Só a apresento, mal a defendo e a última coisa que pretendo é que se constitua em resposta que obture a questão aqui refletida, a qual sobejamente sublinhei ser conveniente que permaneça em aberto. O que adendo é uma outra perspectiva para a pensar.

Retomo o ponto de que partira anteriormente. Para Lacan a psicanálise serve para mudar o destino e transformar o ser. Nem visa primordialmente a produção de um conhecimento, nem se restringe à mente, nem captura uma essência ou ausente substância do ser humano. Diz diretamente respeito ao medular do humano, “feitor” de atos (responsável e fazedor), irredutivelmente sujeito e essencialmente tempo.

Não pode portanto abreviar-se ou encolher-se numa proposta de estudo da mente, ou do psíquico, pois não se presta ao equacionamento de um objeto a conhecer: visa ao sujeito enquanto tal, como ser temporal a transformar.

Para refletir esta condição, o paralelo mais próximo que se pode estabelecer é com a ética.

Note-se, não se trata de pensar uma ética da psicanálise ou para a psicanálise, mas de refletir a psicanálise como uma forma, nova, de ética.

Ao renunciar à objetividade cientificista, não se precisa desistir do rigor: a psicanálise seria como que uma ética “empírica”, em que os juízos, as interpretações, em última análise seriam validadas pelo sujeito enquanto acontecimento temporal (não dependeriam de uma concordância falada, mas do demonstrado em destino).

O fatual é o testemunho. O acontecimento sensível é a palavra. Esta não se reduz ao aspecto formal de narrativas descritoras e ou comunicadoras de ocorrências que lhe sejam extrínsecas. Feita carne, a base empírica da psicanálise é enunciado, quaisquer que sejam os sentidos (tanto na acepção de significados como na de sensações) envolvidos na sua produção.

O que validaria essa ética não seriam decisões provenientes de um tribunal da razão, mas uma lógica intrínseca ao testemunho.

Lacan apresenta uma definição de ética sob medida para englobar a psicanálise, conceituando-a como um julgamento de ações que em si mesmas comportam (ou se lhes presuma) um valor de julgamento:

“A ética consiste essencialmente — sempre é necessário distribuir definições — em um julgamento sobre nossa ação, salvo que só tem alcance na medida em que a ação implicada comporte também ou se presuma comportar um julgamento, mesmo implícito. A presença do julgamento dos dois lados é essencial à estrutura” (Lacan, 1986, p.359).

A ética julga o sentido de ações que comportem em si mesmas um juízo (e portanto sentido). Não se trata de julgar por critérios extrínsecos ao ato, mas de escutar o sentido do ato do sujeito.

Não é esta uma tarefa vital para o analista? Não é esta a dimensão especificamente analítica do trabalho do psicanalista?

Não satisfeito, Lacan ainda critica as tentativas de conhecer cientificamente a psique, as psicologias (e portanto a psicanálise concebida como ciência). Seriam canhestras tentativas, nem sempre bem intencionadas, de penetrar o enigma da ação humana:

“... a questão ética de nossa praxis é estreitamente atinente a isto que podemos entrever desde há algum tempo, a saber, que a insatisfação profunda que nos deixa toda a psicologia, aí compreendida aquela que fundamos graças à análise, prende-se talvez a que ela é uma máscara, e às vezes um álibi, da tentativa de penetrar o problema da nossa própria ação, que é a essência, o fundamento mesmo, de toda a reflexão ética” (idem, p.27).

O desconhecimento de que o que efetivamente está em jogo são atos de sujeitos e não um objeto de conhecimento (o psiquismo, ou a mente, ou o comportamento...) só pode levar a resultados pobres e insatisfatórios. Em verdade inobjetivo, o sujeito precisa ser tratado eticamente, e não epistemicamente.

Em consonância, Lacan não se furta a asseverar que o estatuto do inconsciente não é ôntico, nem epistêmico, mas sim ético (Lacan, 1973). O que significa que o trabalho do psicanalista, sem a sobreposição dos seus juízos morais, consiste em escutar os julgamentos implicitamente expressos em atos (verbais, lúdicos, etc.).

Explicitando: haveria que repisar bem o abismo entre o ato enquanto produção de um sujeito, com sentido, e o comportamento como objeto de estudo a que se pode atribuir algum significado. O último seria uma maneira canhestra de tentar lidar com o espírito como se de uma coisa objetiva se tratasse.

Ainda que a identificação da prática psicanalítica com um procedimento ético pareça convir unicamente a uma descrição fenomenológica do que se passa na neurose (conflitos entre sentidos), isso não é verdade. Basta não pretender aprisionar os sentidos ao âmbito das representações verbais (equivoco que é fonte de muitos ataques mal informados ao intelectualismo ou logocentrismo lacanianos e no qual igualmente incorrem adeptos mal formados, autênticas ilustrações de caricaturas do seu pensamento). Vozes escutadas e impulsos incontornáveis, por exemplo, psicanaliticamente são atos eticamente tão imputáveis quanto idéias obsessivas. Seria insignificante e absurdo “tirar o corpo fora” do sentido (idem para o afeto).

Além deste modelo propiciar, de uma maneira simples, a concessão de cidadania a esferas do sujeito não exclusiva nem principalmente psíquicas, não requer nenhum esforço de adaptação para descrever a fenomenologia da situação efetiva da clínica psicanalítica. Ou não é verdade que o psicanalista “vê” o sujeito com os ouvidos?

Mesmo que outros órgãos sejam usados, o modelo é sempre o da escuta do sentido, o testemunho do que o outro, por palavras, pensamentos

ou obras, efetivamente diga (ou não). Para quê, portanto, supor aos enunciados que nos atingem um objeto falante, para depois restaurá-lo como “objeto sujeito” que tenha o comportamento de ser enunciante? Não é melhor pura e simplesmente admitir um “x” enunciante, originária e intrinsecamente sujeito?

Mas assim sendo o psicanalista obriga-se a desistir de quaisquer veleidades cognoscitivas (já que conhecer sempre pressupõe algum modo de objetivação). Agindo rente ao sujeito, testemunhando a sua revelação e constituindo parte nela interessada — o que leva a sua prática a níveis de sutileza e sofisticação inalcançáveis nos termos do conhecimento —, precisaria continuar a tentar competir com a psicologia cognitivo-comportamental bem feita? Há sentido em tentar tratar o seu sujeito (muitas vezes já tão entrevado por outras objetivações) como objeto (de conhecimento)?

Vale a pena adotar modelos cognitivos quando, à medida que o trabalho de análise se aprofunda, cada vez mais se tem de avançar à revelia do conhecimento?

O efetivo, mesmo o terapeuticamente efetivo, é função do conhecimento sobre os pacientes, ou depende do seu reconhecimento como sujeitos?

Ao aceitar o desafio de pensar o estatuto da psicanálise nesta perspectiva impõe-se a correlato exame do “ser analista” neste contexto. Muitas teses lacanianas a esse respeito — que podem soar arbitrárias no quadro da interpretação “formalista” do lacanismo, atualmente predominante — iluminam-se de uma maneira inesperada, sendo resgatáveis para um enriquecimento da reflexão psicanalítica contemporânea.

Passa a ser inteligível que ser analista, mais e menos que uma profissão, seja um lugar que não se confunde com a pessoa que o ocupa. Destinatário do sentido do ato, lugar em que o sentido inconsciente se desvela, o analista (não a pessoa) é uma função logicamente indissociável do inconsciente:

“...os psicanalistas fazem parte do conceito de inconsciente...” (Lacan, 1966, p.834).

O inconsciente pressupõe que se o escute. Naturalmente alguém precisa exercer essa função, mas não se confunde com ela. O lugar do analista não é uma profissão. É uma posição simbólica que eventualmente pode ser ocupada num instante, numa sessão, ou não!

Fica aliás em aberto se esse lugar sempre se confunde com o enquadre analítico fisicamente restrito à clínica liberal, ou se poderia ser pensado com outro e maior alcance: movimentos sociais, contextos comunitários, situações grupais e mesmo problemáticas sócio-culturais. Em qualquer caso sempre se trataria de dar ouvidos a sujeitos (que também não se confundem com pessoas) e nunca de atribuir significado a produções simbólicas (quem decide se houve escuta é o paciente, que o demonstra em atos evidenciadores de alterações de rumo).

Igualmente valeria a pena examinar se o ato analítico teria que se subsumir a intervenções concebidas segundo o modelo de tratamento médico e psicológico de indivíduos ou pequenos grupos, ou poderia ser alargado a intervenções mais ou menos pontuais, “escutadoras” de sentidos coletivamente dados, que se esgotem em si mesmas (por exemplo, a análise de uma anedota racista) ou se ampliem à escala de gerações (a escuta acurada de marcas de origem nacional, por exemplo).

Identicamente fica em aberto se quem encarna o lugar tem de ser uma pessoa ou por vezes a função pode ser exercida por uma instituição ou por um núcleo crítico atuante numa comunidade; e se a posição que fisicamente o consubstancia sempre é a do consultório ou equivalente ou poderia acontecer numa redação jornalística, aparecer num departamento de recursos humanos, efetivar-se na forma de uma ONG ou coexistir com as funções de uma instituição escolar, por exemplo.

Confirma-se o potencial germinal desta concepção. Enquanto esses possíveis desenvolvimentos permanecem embrionários, pelo menos uma coisa já é segura: uma vez que a pessoa que o analista é não se confunde com o lugar que ocupa, não importa fazer tipo (de analista). Algo na formação de alguém permite-lhe encarnar esse lugar, a certo tempo, em certos momentos de sessões (nunca em tempo cronológico permanente), mas, em última análise, o que o decide e “liga” a função é algo que se passa a partir do sujeito analisante. Afinal não pode haver escuta se primeiro não houver “fala” e esta prévia e logicamente constitui o lugar a que se confia. Fora disso (fora da transferência) o que pode haver é abuso de poder (mal) disfarçado em ciência objetiva do outro.

É cada paciente que, vez por vez, em tempo de análise e em momentos de sessão, institui e constitui o analista em seu lugar.

O que faz a pessoa do analista no resto do tempo? Nada, porque no resto do tempo é um cidadão que socialmente exerce uma profissão: psiquiatra, conselheiro, psicólogo clínico, parceiro empático...

Precisaríamos chamar de psicanálise o exercício de todos estes e de outros papéis e confundi-la com uma profissão?

Se alguma coisa caracteriza radicalmente a possibilidade de encarnar o analista, ou seja, de resgatar para um sujeito a sua existência em níveis a todos os títulos imprevisíveis, é o desejo do analista. Conceito que, a meu ver, resume operadores técnicos noutros referenciais teóricos apresentados de outro modo, e que deve ser ouvido de dupla maneira: é o desejo do paciente em ser escutado, e é o desejo da pessoa em posição de analista de testemunhar o outro sendo sujeito. Ou seja, o desejo do sujeito de se analisar e o desejo do operador de fazer aparecer o sujeito.

Entendido este vínculo como desejo, há ainda a vantagem de se preservar o enigma da relação do posto em posição de analista, como desejante, com o inconsciente próprio e alheio.

Diga-se o posto em posição de analista com isso querendo significar que não se trata obrigatoriamente de uma pessoa, embora as possibilidades abertas pelo laciano entendimento do analista como parte do conceito de inconsciente sejam ainda muito incipientes e nelas se tenha pouco refletido.

Entretanto também continuamos à mercê da precipitada atribuição à noção *de* desejo de um valor psicológico (embora contra e quanto a isso já esteja tudo escrito na obra laciana). Mal entendido terrível, degradado em desejo de um sujeito (inconsciente ou não), não há como deixar de fazer (ironias do destino!) uma espécie de psicologia do ego em terminologia laciana... Mas o autor é explícito: o desejo é sempre desejo do outro (Outro!) e *é* o sujeito. Não é um conceito psicológico e sim ontológico (vide Bairrão, 1996).

Em contrapartida, mesmo que se insista em que ser psicanalista não é uma profissão, as possibilidades que se gestam de conceber esse lugar consubstanciado a quem ou além de uma pessoa estão por se escrever. São ainda suficientemente incipientes para, por enquanto, nos obrigarem a restringir a reflexão ao âmbito de alguém que encarne a função. Este, embora se ofereça enquanto analista, e vigilante à escuta, não é sempre que está nessa função com quem o procura.

Outras coisas podem acontecer e devem ser pensadas, nenhuma incompatível com o ato analítico. Isso já foi dito, mas é preciso acrescentar que é bom que assim seja. Muitas vezes é nesses atos, mais fora da padronização de enquadres, que ao mesmo tempo se exerce, em ato, uma escuta. Às vezes os relatos de casos mais criativos soam anedóticos ou obscenos porque não se tem o contexto da intervenção analítica.

É por isso que garantias de formação analítica são praticamente impossíveis. Frequentemente vai ser preciso agir à revelia do que didaticamente se aprendeu, sob pena de não ter aprendido nada.

Há uma relação entre esta capacidade de ser incapaz de aplicar o conhecimento sabido e a condução bem sucedida de uma cura. O final de análise ideal implicaria um desencantamento com o saber do analista, que proveitosamente deve ser suplantado pela coragem de o perceber um guia que leva o sujeito a precipitar-se no sem garantias de um advir insubstantivo e só por isso eticamente livre, ainda que objetivamente parcialmente determinado. Mas na prática o que acontece é que esse desencantamento no mais das vezes sucede em função da indisponibilidade da pessoa em função de analista para acompanhar o paciente a esse lugar de desconhecimento de garantias. Desta maneira, o pulsional do sujeito raramente chega a desfazer-se do lastro de imaginária substância para “livremente” brilhar nas trevas, sem garantias (ou melhor, com a única garantia e risco do desejo).

Desta maneira o analisante, que em verdade vive a experiência de não saber, está dramaticamente condenado a permanecer crédulo no saber suposto ao outro. Como a análise mal sucedeu, acaba permanecendo em transferência

com a doutrina analítica a que se converteu, devotando-se feroz e messianicamente a defender as linhas e “escolas” que conformam a sua subjugação ao desejo do outro (na esperança de atingir em algum momento, sempre futuro, o que só teoricamente sabe que não adianta esperar).

É claro que, mal dita, a psicanálise aqui falhou. E provavelmente quando Lacan a cogitou como o oposto da religião, antecipando a sua derrota para esta (Lacan, 1980), não estava se referindo ao renascimento religioso contemporâneo, mas sim “profetizando” a degradação que poderia suceder-lhe.

Sintomaticamente são exatamente as instituições de formação que tendem a atrair e a manter gravitando em torno de si os que só chegaram a uma má dicção da experiência do inconsciente. Lá continuam esperando que lhes chegue “de fora” o que não ousaram investigar “por dentro”. Se não houver cuidado pode se reproduzir um círculo vicioso e se porem na posição de ensinantes os que mais incautamente acreditam na psicanálise (isto é, mal se analisaram e inverteram em crença a sofrida desautorização de garantias e certezas que acompanha o trabalho de análise).

Por isso é bom rever as análises que temos feitas. Boa parte da chamada crise contemporânea da psicanálise, cada vez me convenço mais, prende-se não a vicissitudes econômicas ou culturais, mas à pura e simples falta de mais análise.

Entre outros argumentos para o sustentar, além do modo sectário de adesão às teses psicanalíticas, recorro à insistente repetição de conflitos narcísicos e agressões especulares não compatíveis com análises minimamente bem sucedidas, em instituições do ramo.

Outro indicativo de que algo teria que ser repensado nas análises é o fato de haver expectativas padronizadas quanto ao que imaginariamente deveria ser o comportamento de um “bem analisado”. Especialmente os potenciais protagonistas dos dramas acima mencionados, que tão profundamente demonstram em atos que não se construíram distintos (dos outros), por razões óbvias tendem a confundir o analista com a pessoa que o encarna. Num claro sinal de que (ainda) buscam identificações imaginárias (imitações), próprio de quem ainda não deu ouvidos ao próprio umbigo, ignoram ser coisa descabida avaliá-lo pelo que no seu comportamento, atitudes e gostos for de sua exclusiva e responsável alçada.

Finalmente, último argumento, o espantoso alheamento e insensibilidade entre psicanalistas para com a dramaticidade da existência social humana contemporânea também é indício desfavorável quanto à qualidade do nível de análise atingido. Afinal, uma vez constatada a falta de garantias abstratas e transcendentais, resta-nos a sensibilidade e a solidariedade para com os nossos parceiros na aventura humana, cada um deles mais um fulgor finito no infinito desconhecido.

Pode um analista, entranhado e familiarizado com a dor própria e alheia, ser capaz de não dar ouvidos aos gritos, mesmo que silenciosos, da

humanidade coletiva circundante? E o que sabemos hoje sobre a desconhecida mente, alma, self, ou subjetividade humana, nenhuma relação tem com outras produções culturais na história da humanidade? Como situar-se perante o desconhecido e o próximo e longínquo humano? Haveria compatibilidade entre uma atitude de ignorância para com o apelo do outro, social e humanamente mais ou menos próximo, e a psicanálise?

À medida que a análise “cresce”, o ego (até em sentido coloquial) “encolhe”. Entendida como ética, ela se dirige ao núcleo do agir. Compete-lhe, a partir das condições de existência do sujeito, verificá-lo no ato de reformular as tábuas da lei do seu destino, na expectativa confiante de que saiba reciclá-las em remos e cônica de que podem amesquinhar-se em muletas.

A psicanálise é um trabalho de risco, e em risco. Lacan falava da importância de não recuar perante o ato analítico. Mais do que isso, torna-se imperioso avançar com o ato analítico.

O que será um analista?

Depende da análise. Depende em boa parte do que no presente ousamos empreender.

**ABSTRACT:** What will be a psychoanalyst? The answer depends on a definition of the psychoanalysis statute. It is important to let the question opened. On one hand, in order to remind the impact of the role of the unconscious to those who experience it. On the other hand, because of the extreme newness of this discipline which makes it difficult to be defined in its ultimate statute. The most common attempts to classify it, which are explicitly or implicitly present in the literature and in the mentality (philosophy) of the psychoanalysts (science, trade, art, religion) are not sufficient to fully comprehend the uniqueness of such a discipline. One could suggest a different perspective related to Ethics.

Some of its advantages are: it is more consistent with the clinical practice and it is open to the enlargement of analytical intervention which goes beyond the limits imposed by the model of a liberal exercise of the profession (pointing to the direction of a better insertion of the analytical practice in the social and cultural contemporary dilemma).

**Palavras-chave:** Inconsciente, psicanálise e psicanalista.  
**Key-words:** Unconscious, psychoanalysis e psychoanalyst.

## BIBLIOGRAFIA

- BAIRRÃO, J. M. (1996). O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente por Lacan. Tese de doutorado, UNICAMP.
- BOUVERESSE (1996). *Philosophie, mythologie et pseudo-science: Wittgenstein lecteur de Freud*. 2ª ed., Paris, L'éclat.
- LACAN, J. (1980). Actas de la Escuela Freudiana de Paris: VII Congreso, Roma, 1974. Barcelona, Ediciones Petrel.
- \_\_\_\_\_ (1986). *L'éthique de la psychanalyse*. Paris, Éditions du Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1991). *Le transfert*. Paris, Éditions du Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1973). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, Éditions du Seuil.
- POPPER, K. (1980). *Miséria do historicismo*. São Paulo, Edusp/Cultrix.
- WITTGENSTEIN, L. (1971). *Leçons et conversations sur l'esthétique, la psychologie et la croyance religieuse*. Paris, Gallimard.

e-mail: [jfbairrao@ffclrp.usp.br](mailto:jfbairrao@ffclrp.usp.br)

# CRIANÇA

## ENSAIO SOBRE A SUBJETIVAÇÃO

**Luis Eduardo P. Aragon**

Médico cardiologista, psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em cardiologia pela Escola Paulista de Medicina e doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

“É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida.”

D.W.Winnicott (1971a)

Naquele dia de sol claro, nada indicava uma emoção particular. Não havia nuvens chorosas, vento consolador, raios de medo ou quaisquer outros sinais fortes da natureza. No entanto, quando entrou na sala, a atmosfera iniciou uma mudança. Agredindo o vagar vivo do tempo, a sala pôs-se a parar. Um movimento repetido de perna embala a narrativa sem fim. Palavras, as mesmas, de uma história conhecida de amargura. O tempo, cúmplice da sonoridade monótona, convoca uma anestesia das sensações, e o afeto gélido esfria a esperança de um tempo novo.

Tudo seria diferente se a particularidade incessante daquela amargura fosse, ao contrário, a singularidade de Uma Amargura. Se assim ocorresse, a emoção poderia vibrar, caminhar no tempo e nas fábulas, e conhecer as amarguras do mundo. Amarguras de despedida, de reencontro, de mãe, de sonho, de...

Naquele dia a sala infinita estava condenada a perpetuar pela eternidade.

O som, as palavras, a perna e o tempo morto eram acompanhados de um silêncio. Ele, o silêncio, estava jogado na cena como que por acaso. Era tímido, quase impossível na densidade imutável. Mas, mesmo desprezado e fraco, foi inadvertidamente produzindo buracos minúsculos.

A sala perene, sem se dar conta, foi experimentando algo que a princípio não era um ritmo, mas apenas falhas, espaços, não-coisas. Aquela amarga infinitude, por não conhecer limites, não podia pressentir um outro tempo que espreitava, grávido por aparecer.

Foi então, como que por milagre, abrupto, o mundo mudou. Após um silêncio total, de palavras, sons e pernas, surgiu: “sonhei que estava em um acampamento da infância, me banhava nas águas sujas de uma piscina natural. Como é bom!”.

Não se poderia dizer que as palavras partiram do corpo mutante, ou que este último se compôs a partir delas, não há autoria nem hierarquia. Os olhos ganharam uma vitalidade imprevista, as pernas como toda a carne sentiram um calor sangüíneo, e o tempo ficou alegre. A sujeira, a piscina, a infância, explodiram intempestivamente a eternidade do tempo e iniciaram um “jogo de colorir”. Sujeira com cor de saudade, piscina com cor de carinho, infância com cor de alegria.

Viveu-se então o momento sagrado de não se saber aonde chegar.

**RESUMO:** *Inspirado basicamente na produção teórica de Winnicott, proponho que na relação analítica – para a emergência do novo – o sujeito, enquanto identidade constituída, é necessariamente ultrapassado. Isto implica em uma determinada prática clínica e inspira o exercício de novas formas de escritura em psicanálise.*

**Ser criança:**

Ser criança, mesmo que por um instante, é ser outra coisa, sair do lugar e avançar em direção a um grito, um animal, uma cor, um monstro composto de tudo isso e mais.

Encarnar a criança de todos os tempos é navegar pelo tempo e criar novos espaços, espaços de brincar. Brincar com o urso, que não é urso mas calor, explosão, ódio, eu quando já não sou mais eu. Perceber, sentir, construir castelos de eu, e deixar as ondas os levarem para o surgimento de novos monumentos.

A criança não tem idade mas espírito para brincar (WINNICOTT, 1954). Não tem corpo, e nem se reconhece em um processo de desenvolvimento. Usa os corpos: corpo-sensação, corpo-movimento. Mas abdica de sua propriedade, pois quer ser selvagem e arrasar o civilizado. É a revolução, a coragem do arriscar-se em uma nova composição.

Partindo desta forma de conceber a criança e o brincar, foi possível assumir o risco de compor uma descrição de sessão, onde a noção de sujeito<sup>1</sup> não predomina.

#### Não-sujeito:

A situação descrita acima não se passou com uma criança, cronologicamente falando. No entanto, acredito que se pode entrever a emergência da criança que cria, que se transforma junto com seu mundo, formando novos possíveis.

Não há necessidade de pensarmos cronologicamente, o que nos interessa aqui é o momento mesmo de criação de mundos próprios<sup>2</sup>. É importante que se abandone o sujeito constituído de memórias e marcas para a emergência do novo no brincar<sup>3</sup>. A história individual, neste momento, serve para ser esquecida (NIETZSCHE, 1874), para que outra história possa ser engendrada. Mas o que deve ser esquecido na história? A imagem reificada de uma história linear, que sustenta a ilusão de um eu monolítico. Esquecer a idéia de progresso, onde arquivos viriam somar-se a outros já petrificados. Idéia que implica um ideal definido *a priori*, estabelecendo uma hierarquia incompatível com o brincar criativo. A memória aqui tem papel secundário, convocada em blocos só para ser traída, na urgência de dar corpo às sensações sem-nome.

Em rituais indígenas encontramos um paralelo que nos ajuda a pensar a “alma” do brincar. É necessário que haja um sacrifício ritual, para que seja mantido um equilíbrio entre o imponderável, o virtual, e o mundo atualizado. Algo deve morrer para que a vida possa prosseguir. O momento de “criar novos mundos” exige o não assujeitamento do ser em um sujeito, mas seu desaparecimento. Com isso não há mais lembranças ou atitudes de tal ou qual pessoa, mas fluxos de palavras, idéias, imagens, repetições. Estes fluxos compõem atmosferas<sup>4</sup> abertas para afetar e serem afetadas, zonas de indiferenciação, que possibilitarão mudança. Não falamos de uma mudança qualquer, mas daquela que cursa com a participação ativa de quem brinca no processo de construção do novo. Ou seja, uma interação, e não uma adequação. Não é, portanto, uma alienação resultado de um modelo proposto, ou seja, a simples adoção de uma totalidade pré-formada (uma atitude, um gesto, uma fala, enfim, uma identidade). A adequação a formas de ser aprendidas - e não

<sup>1</sup> Definimos aqui o sujeito como totalidade histórica e individualizada, egoica, por oposição ao objeto (mundo externo), como concebido por FREUD (1915) em “Os instintos e suas vicissitudes” (p. 155). Sabe-se que Freud não formulou especificamente a categoria sujeito, no entanto nossa elaboração trata este conceito como o exposto no texto de 1915, na edição brasileira das Obras Completas.

<sup>2</sup> “Mundo-próprio” é um conceito desenvolvido por Jacob von UEXKÜLL (1933) que elimina as separações sujeito/objeto e sujeito/meio. Compreende as correlações singulares que cada indivíduo estabelece com o seu mundo ambiente através de um agrupamento de “sinais perceptivos” e de “marcas de ação”.

<sup>3</sup> Brincar aqui no sentido de criar, e não no sentido de jogo. O jogo já constitui uma estrutura de relação, com regras mais ou menos fixas. No jogo existe uma ética das relações, é portanto um campo regido pela cultura.

<sup>4</sup> Atmosfera “é um certo regime de forças, um campo de tensões que emerge da paisagem e cria certos desenhos, ou cartografias subjetivas. Uma atmosfera é aquele não sei quê que dá qualidade aos sentidos.” (GIL, 1996).

<sup>5</sup>Buscando possibilitar, na relação analítica, o surgimento do que estou chamando brincar, BION (1970) escreve: "...analista de mente que se absorve com o que se lhe fala ou não, com o que ele espera ou não, indica que não permite que a experiência se lhe imponha, principalmente no aspecto de ser mais que ouvir a voz do paciente ou mirar-lhe os modos de ser." (p. 51) e mais adiante "Se, deliberadamente o psicanalista não se despoja de memória e desejo, o analisando que "sente" isso debate-se com o "sentimento" de estar possuído pelo estado mental do analista, e nele contido, isto é, o estado que o paciente se representa como "desejo" (p. 52).

<sup>6</sup> "A partir de si mesmo" não se torna enigmático quando pensamos na teorização winnicottiana de reação a uma invasão, que percorre toda a sua obra, obrigando o indivíduo a sair do espaço de experimentação criativa e desenvolver uma adaptação ao que lhe é exterior. Sem invasão, o indivíduo cria um mundo a partir de sua ação no espaço entre a realidade e a ilusão.

<sup>7</sup> Em 1920 Freud concebe o conceito de pulsão de morte, e o desenvolve como compulsão à repetição. Compulsão que – além do princípio do prazer – visa restituir um estado anterior, que em última instância é o inanimado. A pulsão de morte, em sua perspectiva positiva, de processualidade, não pode ser colocada aqui como sinônimo de morte. Ao contrário, é fundamental para o abandono de antigas formas e o surgimento de novas.

concebidas – mesmo que do passado próprio, não contribuem para a emergência do novo.

Imprescindível, na condução deste pensamento, que o analista também tenha a condição de "perder-se de si", enquanto sujeito. Para isso deve trilhar o difícil caminho de abdicar do desejo, da memória, e mesmo da compreensão<sup>5</sup>.

Ganha relevância a questão do papel do analista no momento da criação subjetiva. Pois, sem nos furtar a reconhecer a importância do conjunto de regras que compõem a práxis psicanalítica — seu aspecto de jogo — e da assimetria que se impõe à relação para preservar seu aspecto clínico, podemos dizer que a criação em si pertence a outro plano. Neste sentido é possível reparar na descrição clínica, que a atmosfera complexa que se apresenta no momento do encontro, arranca o próprio analista de sua identidade. Diríamos até que é justamente a capacidade de abdicar de seus referenciais identitários que torna possível a atitude clínica. A permissão voluntária para o involuntário permite a composição de afetos in-corporais, e, sendo assim, sem autoria. São sensações de tempo, de ritmo, de espaço que se formam com a colaboração de movimentos, blocos de lembranças, modulações de voz, sons do corpo e etc. São partes de pessoas, coisas, idéias e afetos que se agenciarão para produzir novas sensações, conduzir a novos sentimentos e, quem sabe, articular palavras em uma narrativa possível. Um cheiro, um medo, um tempo que custa a passar, ou que já passou e não se percebeu...

Não será novidade para os clínicos que é do caldeirão do impessoal que o pessoal pode vir a formar-se.

### Um futuro que nasce:

O brincar traz alegria justamente porque permite ser outra coisa do que já está aí (atualizado), mas a partir de si mesmo<sup>6</sup>, na constituição do mundo próprio.

Após a desconstrução de tudo que particulariza a pessoa em sua história, abre-se um campo de possíveis. Tempo e espaço encarcerados em cenas imóveis são a própria expressão da morte<sup>7</sup>, uma estagnação da vida por um desligamento de tudo o que se compõe e permite mudança.

No fragmento de sessão descrito, há um momento onde a aliança passado-presente insistentemente repetida, abre-se para um novo sentido, e isto muda radicalmente o mundo compartilhado, assim como a apercepção<sup>8</sup> do mundo. A piscina da infância é a agradável sensação de agora, e a certeza desta sensação vivida neste novo mundo de sensações que se abre. É aquela piscina, mas também todas as outras, agora possíveis no futuro. O brincar, no sentido de recriar a própria realidade, fez nascer um futuro no presente.

### O espaço da criação:

Estar com alguém implica riscos. São concentrações de mundos que

se lançam num embate limite. Mundos alísios ou revoltosos se compõem e arrebetam criando atmosferas reais, sensíveis e únicas. Uma química sempre nova de encontros aglutina e esgarça mundos meus, mundos de eus. E, se este “estar com” for realmente sincero, inevitável será perder-se de si e lançar-se na extrema loucura de partir.

Desprender do cais, momento sublime e louco de soltar as amarras da ilusão de si – um si que se crê eterno – e navegar por outros mundos. Cada partida carrega um ato de fé. Fé de se perder em uma viagem que se sabe, não existe retorno. Na saída o porto já é outro, o mundo mudou.

Que mundos corajosos empreendem esta aventura de ser-indo? De ser-sendo?

Assim que chegou percebi a alegria de chegar, não havia necessidade de palavras. Mas, em seguida, as palavras e o som se uniram compondo um cortejo duro e triste, quase uma canção, encarnada de desespero de abandono.

Seria absurdo imaginar que um sentimento tão condensado de emoções imperfeitas - tão intenso - se permitisse enclausurar em palavras. Mas ali, naquela sala conhecida e portadora de tantos momentos - esquecidos na forma, mas presentes na emoção -, era possível ensaiar um falar. O mundo louco de um cotidiano infeliz podia então comportar a desmedida tristeza. Forma de uma angústia de sentir em si o desejo de não mudar, de ficar, de deixar que os barcos se afastem vazios do cais, de desistir.

Não há esperança em uma vida concreta demais, invadida ao extremo.

De onde vem, então, a força de existir? Perguntei-me várias vezes.

Vida que surgiu sem ser bem vinda, e que encontrou refúgio no impossível lugar de não ser. No entanto, a cena absurda do campo arrasado conserva a semente abandonada em esperança.

Difícil escrever sobre este singular lugar de existir. Além de ser fugaz e não geográfico, não é vivido por pessoas apesar de incluí-las necessariamente. Enquanto me aferro ao que acredito ser eu e você ao que acredita ser sua mais íntima propriedade, não há lugar para existir no sentido criativo que estou imprimindo ao termo. Há sim invasão ou abandono.

O ritmo parece ser um campo profícuo para uma aproximação do ser sendo, pois comporta obrigatoriamente preenchimentos e vazios, ou seja, é a própria manifestação das composições de espaço-tempo.

Os órgãos do sentido, longe de serem estruturas passivas, são complexos ativos que se apropriam da realidade no limite de produção de ritmo entre o si e o mundo. Os gestos, as melodias vocais, as posturas, os fragmentos de memória, tudo se apresenta enquanto constrói uma sensação. Não há distância entre agir e perceber. E para agir-perceber criativamente, formando novos grupos de possíveis, importa não ser uma identidade fixa, mas abrir-se para tudo que se revela signo<sup>9</sup> e comporta seu próprio condensado de tempo-espaço.

<sup>8</sup> No sentido que tem para WINNICOTT (1971b), ou seja, aquilo que está *entre* o objetivamente percebido e o subjetivamente concebido (p.139).

<sup>9</sup> Signo entendido como sensação que convoca à decifração (DELEUZE, 1976, p.96). Decifração não no sentido arqueológico de revelar o oculto, mas de simbolização.

<sup>10</sup> Pensamos com FREUD (1915) a pulsão “como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático...”. No entanto, ao tratarmos da processualidade da criação, não podemos fazer a separação entre interior e exterior, ou objetivo e subjetivo. A pulsão não exclui o entorno. Pensando assim, tanto o psíquico quanto o somático se abrem para uma complexidade criativa que só é limitada enquanto acontecimento vivido no tempo.

<sup>11</sup> Como diz WINNICOTT (1971c): “...o brincar atinge seu próprio ponto de saturação...” (p.77).

Mas para que se possa mergulhar na aventura que é buscar novas sensações e sentidos, é necessário conviver com o paradoxo de conservar uma certa monotonia. Um tom, um ritmo sentido como próprio, é a passagem necessária para a viagem. Dizendo isso não estamos nos afastando do pensamento que a subjetividade surge do impessoal, mas reforçando esta concepção. Este ritmo próprio, que traz em si uma sensação de confiança, não é uma essência ou um “já dado” ao nascer, mas sim um constructo. WINNICOTT (1945) toca esta questão quando pensa o *processo* de integração, onde toda a complexidade do ambiente e da pressão pulsional está em jogo para constituir um plano de consistência subjetiva. Neste engendramento de forças, uma regularidade rítmica deve emergir e formar um fundo (na perspectiva estética, um estilo), uma melodia que persevera sem se fechar a novas composições. É portanto no limite de um ritmo com outros ritmos que, penso, a emergência pulsional<sup>10</sup> gera o novo.

Lugar quase impossível o de ser presente para ausentar-se, determina a diferença entre a vida como cabide de outras vidas, e a vida enquanto arte.

#### Despedindo:

O brincar cria por entre o constituído e o supera, sejam pessoas ou palavras. Brincar com palavras e identidades, abrindo-as para novas possibilidades de significação. *Ça* significa, em francês, o que podemos chamar de *isso*. Esta foi a palavra sugerida por Groddeck para nomear o inconsciente. Palavra potente pois difícil de enclausurar em um sentido único. E é justamente este espaço – não geográfico – de liberdade para a composição de sentidos entre mim e outro que nos aproxima e nos excede (*o Isso*).

Criar este espaço intensivo, cheio de potência mas não territorializado, é o que permite a experiência psicanalítica e o viver em sua plenitude.

No ocaso da cena, a invasão das afecções explode em signos que convocam à expressão. Estes signos buscam ser casa, buscam uma existência possível no entre que inclui os dois e mais.

Entende-se, então, que é no abandono da imagem de si, e no mergulho em todo o diferencial que emerge das sensações, que se singulariza a pessoa. Daí surge a sensação de si como algo genuíno e próprio.

Daí surge a alegria e a certeza de que a vida vale a pena ser vivida.

**ABSTRACT:** *Using basically the theoretical production of Winnicott, I propose that in the analytical relationship - to arise the new - the subject is necessarily exceeded. That idea involve one kind of clinical practice and inspire to develop news forms of writing psychoanalysis.*

**Palavras-chave:** Subjetivação, psicanálise, escritura psicanalítica, criação.

**Key-words:** *Subjectivation, psycho-analysis, psycho-analytical writing, creation.*

## BIBLIOGRAFIA

- BION, W. R. (1970) "A memória e desejo opacificam a mente" In: *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1991, pp. 51-52.
- DELEUZE, G. (1976) *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987, p.96.
- FREUD, S. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. E.S.B. vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- \_\_\_\_\_(1920) Além do princípio do prazer. E.S.B. vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- GIL, J. *A imagem nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia*. Lisboa, Relógio d'Água, 1996, pp. 50-51.
- NIETZSCHE, F. (1874) Da utilidade e desvantagem da história para a vida. In: \_\_\_\_ *Considerações extemporâneas*. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1974.
- UEXKÜLL, J. V. *Dos animais e dos homens – digressão pelos seus próprios mundos – doutrina do significado*. Lisboa, Edição Livros do Brasil, 1933.
- WINNICOTT, D. (1945) "Desenvolvimento emocional primitivo" In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1993, pp. 276.
- \_\_\_\_\_(1954) "O brinquedo na situação analítica" In: *Explorações psicanalíticas*. Org. Winnicott, C., Shepherd, R., Davis M. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, pp. 24.
- \_\_\_\_\_(1971a) "A criatividade e suas origens" In: *O brincar e a realidade*. Imago, Rio de Janeiro, 1975, pp.95.
- \_\_\_\_\_(1971b) "A localização da experiência cultural" In: *O brincar e a realidade*. Imago, Rio de Janeiro, 1975, pp. 139.
- \_\_\_\_\_(1971c) "O brincar: Uma exposição teórica" In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975, pp.77.

Rua Doutor Esdras Pacheco Ferreira, n: 239,  
Vila Nova Conceição, São Paulo-SP  
Telefone: (11)3889-7070  
E-mail: aragonn@uol.com.br

## PSICOTERAPIA NA ADOLESCÊNCIA

**Marly T. M. Goulart**

Psicanalista, membro do departamento  
Formação em Psicanálise do Instituto Sedes  
Sapientiae

***RESUMO:** Este trabalho levanta algumas questões da adolescência e algumas das peculiaridades do atendimento clínico a essa população. A partir de exemplos clínicos, pretende-se ir diferenciando o que faz parte do processo de desenvolvimento e o que vai se caracterizando como patologia. Tendo como ponto de partida um referencial winnicottiano, são abordadas algumas características que se colocam no atendimento a essa faixa etária, como: a dificuldade no estabelecimento de um diagnóstico, a necessidade de um setting continente e flexível e a mescla de intervenções e interpretações no processo psicoterápico. É relatada uma experiência onde não foi possível se dar um bom término ao processo terapêutico e enfatizada a necessidade de se encontrar melhores soluções para os problemas que muitas vezes afligem os profissionais que atendem adolescentes*

Para começar a discorrer sobre o processo adolescente, gostaria que você se colocasse na seguinte situação:

Imagine que você tem uma tarefa nova e importante para fazer num determinado período de tempo. Por exemplo, escrever o capítulo de um livro técnico. Você quer que o resultado seja considerado útil por aqueles que venham a ser seus leitores. Você quer ficar satisfeito ao final da tarefa. Você também deseja que o resultado seja, se possível, criativo.

É fácil? Se você não tem o hábito de escrever, provavelmente terá muito trabalho. Talvez comece fazendo uma compilação de leituras, que gostou, sobre o assunto. Talvez faça um resumo destes escritos e ameace uma colagem. No princípio esta parece uma alternativa possível, mas você não fica satisfeito,

sente-se um imitador. Daí tenta outro processo: conversa com outras pessoas para ver se encontra um novo caminho. Percebe que os outros escrevem um artigo diferente daquele que você foi capaz de criar.

O tempo está passando, você, que julgara a tarefa relativamente simples, começa a ficar preocupado. O tempo que parecia suficiente agora é muito curto. Você passa a se sentir perseguido pela tarefa. Passa a não dormir direito e tem alguns pesadelos. Você em certo sentido adoce e acha que não vai conseguir sair dessa. Vê-se obrigado a defrontar-se com seu mundo interno em confusão. Pergunta-se: e agora, o que é que eu faço?

Depois de alguns dias vivendo este tipo de “inferno”, começa a se lembrar quantas vezes já passou por situações semelhantes e até mais embaraçosas. Em algumas se saiu bem, em outras nem tanto. Mas dos seus fracassos você, na maior parte das vezes, aprendeu alguma coisa.

Então você descobre que ao invés de desistir da tarefa, tentará fazer o melhor que pode. Começa a escrever...

O processo adolescente é um cotidiano de situações como esta. A adolescência é uma crise de crescimento que é acompanhada de sofrimento, contradição e confusão. Não mais protegido pela idealização das figuras parentais, o jovem tem de se haver com uma grande tarefa. Ele pode enfrentá-la com maior ou menor turbulência, dependendo dos recursos de seu mundo interno e da intensidade dos seus afetos. Mas se ele quiser realmente ir em busca de uma identidade, que não seja um ‘xerox’ de uma das figuras parentais ou uma colagem de aspectos destas figuras, precisará fazer um mergulho dentro de si e se dispor a aprender da própria experiência.

Falar sobre o processo adolescente em sua multiplicidade de aspectos e discorrer sobre a franja que liga a normalidade à patologia em um único artigo é impossível. O que devemos priorizar? Você já deve ter percebido que vou priorizar a prática, mas na busca da “arte de tratar adolescentes” há leituras indispensáveis.

Os psicanalistas têm estudado as características da puberdade e da adolescência desde FREUD e seu artigo de 1905: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Acho, particularmente, interessantes dois estudos sobre a adolescência normal. KNOBEL (1992) descreve o processo em dez manifestações de conduta: busca de si mesmo e da identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, entre outras. OSÓRIO (1989), por sua vez, utiliza-se das modificações intrapsíquicas como: luto pelas perdas infantis, resolução dos resíduos edipianos, estabelecimento de uma ética, etc., para caracterizar as modificações do adolescente.

Outro levantamento que pode auxiliar no atendimento de adolescentes é o feito por GRAÑA (1994) a respeito de manifestações que aparecem no encontro terapêutico. A percepção do outro com um colorido paranóide, os opostos no pensamento como alternativas imediatas, a maneira

fóbica de se aproximar das verdades e sua nova condição, são alguns aspectos observados.

Embora eu não tenha a intenção de me estender nos aspectos teóricos, gostaria de pontuar duas idéias que norteiam o meu trabalho. Uma delas é sobre o processo de formação de identidade. Os primórdios do processo de individuação já se observam ao longo da primeira infância: o processo de discriminação eu-não eu, não é abrupto e sim gradual. Durante a adolescência, a ameaça de perda do vínculo simbiótico com os pais mobiliza ansiedades intensas, incitando o adolescente a restaurar a situação simbiótica original com a adesão a substitutos dos primitivos objetos parentais. A identificação com seus ídolos, o caráter possessivo das amizades e a supervalorização do objeto quando os adolescentes se apaixonam, são alguns exemplos desta tendência. Por outro lado, há um impulso à diferenciação e individuação, como por exemplo o conflito do jovem com a geração anterior: ao se contrapor aos desejos e expectativas de seus pais e/ou da sociedade, ele está muitas vezes procurando definir a si mesmo.

A outra idéia é a visão winnicottiana sobre o processo adolescente. Nela, o jovem é visto como imaturo, sendo esta uma característica de saúde para a qual a melhor solução é o tempo e o crescimento que pode vir com ele. Na imaturidade da adolescência estão contidos aspectos do pensamento criador, sentimentos novos e idéias a respeito de um modo diferente de viver. A sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis. Assim como não se deve esperar que o jovem se dê conta ou saiba quais as características de sua imaturidade, também os adultos não precisam compreendê-la. O importante é que o desafio adolescente seja aceito pelos adultos.

### **SOBRE O DIAGNÓSTICO**

*Minha loucura, outros que a tomem  
Com o que nela ia  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia  
Cadáver adiado que procria?*

(FERNANDO PESSOA)

A dupla origem etimológica da palavra é interessante: vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando condição ou processo de crescimento. Também deriva de *adolescere*, a origem da palavra *adoecer*. Assim temos a aptidão para crescer (no sentido físico e psíquico) e também para *adoecer* (sofrimento emocional que acompanha as transformações biológicas – puberdade – e mentais dessa faixa de idade).

Quando recebemos um adolescente para uma consulta, há na maior parte das vezes uma ameaça de uma doença ou uma doença já em curso. Num primeiro momento não podemos dizer se é o adolescente ou se é o seu grupo familiar quem está doente.

Nossa primeira tarefa é registrar as primeiras impressões do caso, já a partir de como é feita a demanda (por quem, de que forma) e criar uma relação amistosa que facilite um clima de confiança. É através de uma relação interessada em acompanhar o que quer que o adolescente queira tratar que se cria um vínculo que abre espaço para seu imaginário, facilitando o acesso a seu mundo mental. Vamos acompanhar uma situação:

Um rapazinho de 11 anos, vestido todo de preto, vem à primeira consulta. A situação é inusual porque a entrevista havia sido marcada somente com os pais. Digo para B que pode participar da conversa, mas ele escolhe ficar desenhando. Os pais trazem a queixa de que B é excessivamente agitado e tem dificuldade em se desligar de uma atividade motora, por exemplo um jogo de futebol, quando ela termina. Os pais e eu conversamos sobre como tem sido o desenvolvimento de B, suas facilidades e dificuldades, enquanto ele desenha num canto da sala. Cerca de 40 minutos depois, me dou conta de que B permanece quieto em seu lugar. Resolvo colocá-lo na conversa:

T: E você B, o que acha que está acontecendo?

B: Eu não gosto de ficar parado.

T: ... Você ... por acaso tem pesadelos?

B: Como você sabe?

T: Os meninos da sua idade costumam ter pesadelos... Você chega a se lembrar deles?

B: Eu sempre sonho que estou morrendo.

T: Todos os dias morrem muitas células do nosso corpo e nascem outras tantas... Você já viu alguém morto?

B: Só o cachorro do meu amigo.

T: E o que você viu?

B: (levanta-se da cadeira, aumenta o tom de voz e diz de forma aflita): Fica parado... fica parado.

Nem sempre é possível obter dados tão esclarecedores numa única entrevista. O mais comum é se fazer encontros em número suficiente para permitir a construção de uma visão geral do que se passa naquela situação ou, em termos técnicos, formular uma avaliação diagnóstica.

Um recurso técnico que pode ser eficaz durante o processo diagnóstico é pedir ao adolescente que faça um desenho e conte uma história. O hábito de contar histórias é tão antigo quanto a própria humanidade. Contam-se histórias principalmente para as crianças, no intuito de prepará-las para a vida. Algumas histórias conhecidas estão associadas ao processo adolescente e um belo exemplo

é o conto da Bela Adormecida: o furar o dedo no fuso, como símbolo do processo puberal, o recolhimento ao mundo interno ao adormecer, o despertar para o parceiro heterossexual. Pedir uma história numa situação clínica é uma forma de convidar alguém a expor desejos e conflitos.<sup>1</sup> Eis aqui um exemplo:

C é um menino de 10 anos que foi trazido para diagnóstico, porque apresenta crises de choro sem motivo aparente. C parece bastante inteligente, mostra-se afável e colaborador e tem a desenvoltura de alguém de sua idade. Num primeiro encontro, peço que faça um desenho (fig.1). Em seguida me conta esta história: “Tinha um ovo que estava no ninho e de repente um gavião apareceu e pegou ele com suas patas. O ovo voou, voou, voou até que caiu no chão e se quebrou. Dentro do ovo saiu um passarinho. Aí passou um tempo, o passarinho cresceu e virou uma águia. Aí a águia ficou muito brava e quis lutar contra o gavião. O gavião já estava bem velhinho e com certeza ia perder a luta. Então, o gavião se retirou e a águia viveu feliz para sempre”. O nome que C deu a esta história foi ‘Aguarde o tempo’.

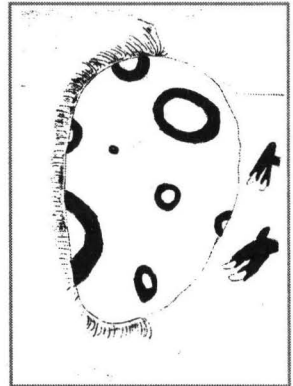
Num outro encontro C pede para desenhar (fig. 2) e relata a seguinte história: “Era uma vez um reino onde vivia um rei. O rei gostava muito do povo e resolveu dar para eles uma ponte. Ele construiu uma ponte de palha, só que com o primeiro vento que passou, ela caiu. Então ele construiu uma ponte de madeira, só que com o tempo a madeira foi se desgastando e caiu. Ele construiu uma de tijolo, mas esqueceu do cimento e caiu. Depois de muito tempo, o rei morreu e o príncipe tomou o lugar dele. Ele mandou construir uma ponte de cimento, mas o cimento era ruim e logo a ponte caiu. Então ele resolveu fazer de metal, mesmo assim a ponte caiu. Então construiu de titânio, mas era muito leve e se foi. O príncipe então resolveu barrar o rio e construiu a ponte. Com o tempo foi enchendo de água, enchendo de água, até que a cidade inundou Todos da cidade morreram, mas ficou um conjunto de ilhas e outras coisas muito bonitas”. O nome dado a essa história foi: “Povo náufrago”.

Podemos constatar por esses relatos imaginários que C já está vivendo um processo adolescente, mesmo que sua aparência seja a de um menino que ainda não entrou na puberdade. A primeira história está associada à busca de uma identidade, ao ressurgimento da conflitiva edípica e ao conflito de gerações. A segunda história mostra como C está ameaçado de adoecer e como suas crises de choro são o sintoma de um problema na comunicação entre diferentes partes suas: ego e ego ideal.

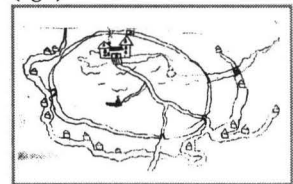
A compreensão do adolescente que sofre, passa pela decodificação do aparelho psíquico do terapeuta, o que implica em que ele tenha de ter um bom conhecimento do seu próprio funcionamento, em especial da sua ‘própria loucura’, antes de estar capacitado a entrar em contato com a turbulência adolescente. O jovem quando adoecer tem um vislumbre da sua ‘loucura’. A ‘loucura do adolescente’ pode despertar a ‘loucura do terapeuta’ e portanto sempre é necessário se ter uma âncora no conhecimento da psicopatologia psiquiátrica e psicanalítica.

<sup>1</sup> Recomendamos a leitura do livro de BETTELHEIM (1980) “A psicanálise dos contos de fada” pela importância que adquire no processo psicoterápico a narrativa de histórias feitas pelos adolescentes, muitas delas semelhantes àquelas clássicas da literatura infanto-juvenil.

(fig.1)



(fig.2)



<sup>2</sup> O TAT consta da apresentação de uma série de figuras, para as quais pede-se histórias. É um método de investigação psicológica que permite revelar ao intérprete alguns dos impulsos, emoções, sentimentos, complexos e conflitos de uma personalidade.

Os transtornos da conduta adolescente podem ter etiologias múltiplas e existem manifestações de certos processos orgânicos que enganosamente podem ser atribuídos a questões psicogênicas. Portanto o terapeuta algumas vezes necessitará da colaboração de colegas de outras áreas (em geral neurologia, psiquiatria e/ou psicopedagogia).

Há também casos, cuja sintomatologia requer muita atenção pelo perigo que representa ao indivíduo, como certas atuações que colocam em risco um terceiro ou pelo perigo que representam ao próprio adolescente.

Vamos acompanhar uma situação como esta:

D é uma jovem que procurou ajuda psicológica quando tinha 15 para 16 anos. Nessa ocasião a sua aparência surpreendia pela falta de expressividade no vestir-se, no falar e no contato. Foi uma surpresa saber que aquele 'manequim de cera' vestido de jeans e camiseta estava cursando com sucesso, o segundo colegial de uma escola conhecida e considerada de bom nível. Filha única de pais separados D nasceu em outro estado e estava morando com a mãe e a avó materna em São Paulo há cerca de um ano. Refere-se a uma infância alegre e cheia de amigos, tendo contato muito esporádico com o pai que continua morando distante.

Estes dados foram relatados por D sem qualquer mostra de emoção. Disse querer fazer terapia porque se sentia só, sem amigos e sem saber o que fazer do seu tempo livre. Tive um contato com a mãe, mulher de 40 anos, simpática e aparentemente colaboradora, mostrando porém pouca capacidade de se organizar em circunstâncias de vida difíceis. Se preocupava com o desejo de D de mudar novamente de escola, já que uma mudança nesse sentido tinha acontecido há dois meses.

Com o intuito de me localizar melhor nesta situação, apliquei o Teste de Apercepção Temática (TAT) em D.<sup>2</sup> O conteúdo das histórias construídas era preocupante: a morte e a violência imperavam. Eis aqui um exemplo:

Prancha XVIII MF – Uma mãe que está estrangulando a filha porque ela acordou tarde e não deu tempo de preparar o café para o marido, quer dizer o pai. O pai teve de pegar o caminhão que leva os bóia-frias para trabalhar. O caminhão tombou, o pai morreu. A mãe está culpando a filha, estrangulando a menina. - E o que aconteceu depois? Ela vai matar a menina e depois, por sentimento de culpa, se mata. Que horror! - Por que a menina era culpada? Se a menina tivesse acordado mais cedo, teria preparado o café e o pai poderia ir trabalhar a pé.

Diante desses conteúdos mentais, resolvi atender a mocinha de imediato. Primeira sessão: D falta. No dia seguinte recebo um telefonema de sua avó contando que a jovem havia ingerido duas caixas de ansiolítico, tiradas da sua medicação. O médico da família tinha sido chamado e considerado que D estava bem; que a deixassem dormir! Naquele momento ela estava dormindo e eu pedi para a avó lhe dizer que poderia me ligar se quisesse, e que eu a esperava para a próxima sessão.

D veio pontualmente. Sem qualquer vestígio do ocorrido, só falou quando inquirida. O ex-namorado tinha telefonado, não queria mais vê-la. Ela tinha vontade de morrer, agora já estava bem. Comentou como se estivesse relatando uma experiência que não era sua e que não a tocava. Proponho uma consulta a um psiquiatra, que ela aceita sem ressalvas. Chamo a mãe que se mostra irritada com a filha, era a segundo vez que acontecia “isso” e que D estava querendo chamar a atenção. Alerto mãe e filha sobre a gravidade do episódio e coloco como condição para o seguimento do caso, um acompanhamento psiquiátrico. Oriento a mãe para que procure atendimento psicológico para si. D foi medicada com antidepressivo e iniciou-se então o trabalho psicoterápico.

No decorrer do processo adolescente, muitas patologias emergem e se instalam. Os jovens muitas vezes não têm percepção dos caminhos seguidos pela sua destrutividade e estruturam situações comportamentais ou psicossomáticas de auto e heteroagressão.

Não pretendo enveredar pela multiplicidade de organizações sintomáticas que podem se manifestar na adolescência; há, no entanto, farta bibliografia. As produções de OSÓRIO (1989), OUTEIRAL (1990), ABERASTURY E KNOBEL (1992), GRAÑA (1994), LEVISKY (1995) E FERRARI (1996) são atuais e bastante abrangentes.

Algumas vezes o quadro clínico apresentado pelo adolescente é pouco definido e somente um seguimento longitudinal pode levar ao estabelecimento de um diagnóstico. Outras vezes é possível que o adolescente veja problemas em toda a família e não entenda porque justamente ele deverá se tratar. Ele pode ter razão. O que ocorre é que a patologia dos pais pode se organizar de forma socialmente aceitável, de maneira que só na intimidade da família apareçam irritações, intolerâncias e outros aspectos mais rejeitados de suas personalidades. Dependendo da situação, quando existem possibilidades terapêuticas, pode-se indicar uma terapia familiar.<sup>3</sup>

### **SOBRE A PSICOTERAPIA**

Reza a lenda que após mil e uma noites, Xerazade consegue curar o sultão, que vingava-se da traição da esposa, dormindo cada noite com uma donzela e matando-a na manhã seguinte. Com suas histórias, que deixa em suspenso a cada amanhecer, Xerazade salva sua vida e salva o sultão do seu desastre psíquico. Poderíamos terminar a lenda dizendo... ‘e assim nasce a psicoterapia, a cura através da palavra’. A psicoterapia é um lugar de produção de conhecimento, onde o terapeuta se oferece como instrumento emocional com o qual é possível fazer novas experiências afetivas, tornando pensáveis as emoções que brotam no encontro com outra pessoa. Na psicoterapia, paciente e terapeuta estão “ao vivo” com suas respectivas naturezas emocionais e com a esperança de se tornarem uma parilha fértil e criativa.

<sup>3</sup> Quando a família tem disponibilidade, um certo grau de saúde mental e permeabilidade para o trabalho terapêutico, os desajustes do adolescente e da sua organização familiar, podem ser tratados em terapia familiar.

A adolescência é uma fase que tem características dinâmicas e defesas próprias, sendo uma delas que *o fazer e o conhecer* são expressão de uma única operação: *o crescer*. O principal obstáculo da comunicação do adolescente está ligado às dificuldades de simbolização. A comunicação é muitas vezes feita de uma forma não-verbal, observando-se que o adolescente se utiliza da conduta para falar de suas fantasias, seus conflitos e suas defesas.

Lembro-me de Z e seu skate; Y e as enormes bolas de algodão dentro dos ouvidos, com que veio para uma sessão; X que dormia profundamente durante as sessões e um dia foi acordado por mim aos gritos; V e o namorado que invadiram a sala de atendimento; U e sua máquina fotográfica e a firme intenção de tirar uma foto minha; T e o cachorro, que veio me conhecer porque eu contribuía para a 'assistência psicológica' que seu dono dava a ele; R com seu CD e a performance da música "O pinto do meu pai fugiu com a galinha da vizinha". A maior parte dessas situações foi turbulenta. Algumas delas eu resolvi com sorriso nos lábios, outras atravessei com dificuldade. O terapeuta deve estar preparado para uma enorme gama de variações do *setting*: esquecimentos, problemas com pagamentos, atrasos, dificuldade em manter o tratamento durante o período de férias, ou situações semelhantes àquelas que acabei de relatar.

A possibilidade de se estabelecer uma relação de confiança e colaboração com um paciente adolescente nem sempre é fácil de ser obtida. O jovem gosta de desafiar os adultos e o trabalho terapêutico implica em ampliar o seu aparelho perceptivo, o que o adolescente não gosta, porque acha que 'sabe tudo'...

Paciência, empatia, firmeza e flexibilidade são os instrumentos com que o terapeuta conta para o manejo dessas situações. É especialmente importante que nossas regras sejam flexíveis, pois se não estivermos atentos, podemos impedir o ganho mais importante da adolescência, que é o encontrar-se com sua individualidade, ser espontâneo e criativo (processo que poderá ser estimulado ou dificultado pelo terapeuta).

Os adolescentes também exigem lealdade e franqueza. Como são extremamente suscetíveis a que lhes faltem com a verdade, o terapeuta não deve deixar o adolescente ultrapassar os limites de sua continência. No artigo *Aprendendo a andar de skate* (GOULART, 1997) descrevo o caso de um jovem que tentava estourar meus limites e como lidei com as situações que ele me propunha.

Também é conveniente que o terapeuta propicie o tempo e o espaço para que o encontro e o confronto do adolescente se tornem oportunos. A experimentação do amor e do ódio por parte do adolescente faz parte do processo terapêutico. Como exemplo dessa relação paradoxal, trago trechos da carta de uma jovem de 18 anos, quando estava fora do Brasil:

"Não escrevi antes pois não estava muito bem e queria mostrar para mim que eu conseguia superar e... esconder de você. Mas não se preocupe, eu mesma me machuquei e ... já bati muito a cabeça na parede, já sofri e chorei,

...agora a situação está melhorando. A família é muito legal”... E no final: “Bom! Prometo que escrevo contando mais detalhes se você arranjar um tempinho e me escrever. Estou com saudades de conversar e *brigar* com você. Você foi e é muito importante para mim.”

O adolescente é para o terapeuta um mobilizador do passado, da sua própria adolescência. Se os conflitos neuróticos do analista forem predominantemente narcísicos, pode ocorrer uma relação competitiva, na qual o analista se coloca como quem sabe, frente a quem não sabe. Nós não sabemos do paciente mais do que ele próprio ou do que ele nos permite saber e o máximo que podemos fazer é compartilhar com ele a descoberta das relações de sentido de suas vicissitudes existenciais. Nos momentos em que os ‘demônios’ do paciente aparecem em cena, o terapeuta tem a oportunidade de tentar interpretá-los, mostrando seus aspectos positivos, apesar dos seus métodos cruéis. Com isso, vai havendo a integração dos aspectos bons e maus dos seus objetos primários, e o terapeuta vai se tornando um aliado que livrou o jovem dos malfeitores que o perseguiam e ameaçavam.

Quanto às intervenções do terapeuta, o que importa é que elas devem ser dadas com a possibilidade de serem aceitas ou recusadas, jamais impostas. O paciente pode fazer com elas o que quiser, mantê-las, jogá-las fora ou usá-las durante o tempo que necessitar. Também é importante estar atento a todos os movimentos do paciente e registrar de forma precisa quando é necessário silenciar. Vejamos um exemplo onde um rapazinho mostra que eu “passei do ponto”:

F está tenso, começa a desenhar um labirinto e diz: Você tem três vidas para encontrar a única saída.

T: Estou me lembrando de um outro labirinto... o de Teseu.

F: O do minotauro?

T: É sim... você conhece a história?

F: Tem alguma coisa de fio, não é?

T: É... Ariadne ficou segurando um fio do lado de fora do labirinto para Teseu não se perder na saída.

F: Hum... hum... (continua tenso, desenhando).

T: Você sabia que tinha uma parte do labirinto que possuía plantas com um odor narcótico, que deixava as pessoas dopadas?

F: E como é que o Teseu fez? Ah... já sei... tapou o nariz... (suspira profundamente, parecendo aliviado).

T: Você gostaria de ler a história deste mito?

F: Ah... acho que não (dobrando o papel e desistindo do desenho)

T: Talvez sua mãe, que sabe francês, possa ler para você... (pensando no livro de Gide, *Thésée*).

F: Marly! O que você falou já está bom!

Na psicoterapia de adolescentes geralmente há o rechaço ao trabalho interpretativo e a exigência que o terapeuta se coloque com suas opiniões. Em

artigo anterior, desenvolvi a idéia do 'terapeuta suficientemente bom', inspirada na 'mãe suficientemente boa' de Winnicott.

O terapeuta suficientemente bom aceita as idas e vindas do adolescente, a sua necessidade de agir e somente algumas vezes pensar. Ele espera pacientemente o adolescente pedir ajuda e procura não se ofender se ela é desperdiçada. Ele aproveita todo pedido de ajuda, para fazer o adolescente pensar e se responsabilizar por seus atos.

Resumindo, o terapeuta de adolescentes exerce uma dupla função: dá opiniões de bom-senso e dá interpretações sobre as atividades inconscientes do jovem numa dosagem condizente com a sua possibilidade de digestão.

Outro ponto importante é a participação da família no processo terapêutico do adolescente. Os pais procuram ajuda de forma ambivalente. Além desta implicar em uma ferida narcísica (se sentem fracassados como pais), o filho desempenha muitas vezes um papel importante na estabilidade patológica familiar. A psicoterapia é ameaçadora, já que a organização familiar é posta em perigo. São grupos familiares com patologias simbiotizantes, em que a entrada de um terapeuta é sentida como risco de aniquilamento.

### CASO CLÍNICO

Mostro agora o percurso de uma psicoterapia na qual a posição dos pais, muito rígida em relação ao filho, impede a continuidade do trabalho terapêutico e, em certo sentido, favorece a continuidade da doença do rapaz.

G era um rapazinho de quase 16 anos quando veio ao consultório pela primeira vez. Tomei conhecimento de sua história através da entrevista com a mãe, que mostrou-se interessada em colocar o filho em terapia, alegando que a escola pedia acompanhamento psicológico para G, sob risco de não aceitar mais sua matrícula se não houvesse uma melhora no seu comportamento e no rendimento escolar.

A mãe contou que G foi adotado com dias e é filho único. Desde muito pequeno G começou a apresentar problemas comportamentais: aos três anos aparecia com coisas que tirava do supermercado ou de outras crianças. Relatou também que o jovem furta dinheiro dos pais, é agressivo, não obedece ordens e está atrasado na escola. Cursa a 7ª série pela segunda vez e mostra-se um aluno 'mediocre' (sic).

G passou por duas experiências de tratamento psicológico. A primeira, na infância, cujo resultado foi desastroso porque a psicóloga pediu para os pais brincarem com o menino na sua frente e isso foi considerado 'ridículo' por eles. A segunda, aos 13 anos, foi interrompida após um ano e meio porque G 'chegava exausto das sessões, quase dormindo'. O motivo que levou os pais à escolha do meu consultório (note-se, não de mim como profissional) era um critério geográfico: ser perto de onde eles moravam.

Um rapazinho bonito, de pele escura, mostrando sua ascendência negra, veio me conhecer na mesma semana. Disse que a escola estava 'contra ele',

que a mãe ‘pegava no seu pé’ o dia todo e que o pai lhe dava ‘geladas’ que duravam semanas quando fazia o que não devia.

Num segundo encontro com G apliquei um TAT, do qual transcrevo a história que ele elaborou para a prancha em branco: “Um menino ele... estava brincando no meio do mato. Achou essa caverna e entrou dentro, ele estava procurando alguma coisa interessante e achou um mapa. Daí ele viu que era um lugar que ele conhecia. Chamou uns amigos e foram tentar procurar o que achavam que era um tesouro: ouro, jóias. Daí demorou muitos dias até que acharam um baú, que era muito pesado. Tinha um cadeado velho, bateram uma vez e ele quebrou. Quando abriram o baú estava cheio de pedras. Todos os amigos acharam que era uma brincadeira e foram embora. Mas o menino tirou as pedras uma por uma e viu que tinha um outro mapa do tesouro. Daí achou outro baú que estava cheio de jóias e ouro. Ele ficou bem rico.”

Esta história reflete o que eu diagnostiquei como a questão básica a ser tratada na psicoterapia de G: a sua origem biológica e a sua origem psíquica.

A mãe me informou que G nunca tinha tido problemas de desenvolvimento motor ou de linguagem. Ela me dava a impressão de que queria livrar-se dos contatos comigo o mais rapidamente possível.

O pai de G quando veio para uma entrevista disse que o filho era um menino imaturo emocionalmente, embora fosse inteligente. O que mais me impressionou no contato com esse homem foi o tom frio e indiferente com que falava sobre o filho. Nesse dia, ele me mandou um relatório escolar de G. Para resumir, o resultado do rapazinho era negativo em todas as matérias e o relatório terminava com o seguinte comentário do seu orientador: “Eu nunca mais quero ver um relatório como este! Você já sabe a consequência se isso acontecer de novo.”

Após a coleta desses dados decidi iniciar o trabalho com G, que me parecia a pessoa do trio mais disponível e comecei a pensar em como lidar com seus pais, pessoas difíceis. Julgava ter de lidar com um caso de tendência anti-social. Esta não é algo que se compare à neurose ou à psicose. É um distúrbio que se relaciona à síndrome de crescimento do adolescente<sup>4</sup>.

Segundo WINNICOTT (1956), quando há tendência anti-social precisamos pensar que ela está ligada a uma privação ambiental, algo bom que existiu na experiência do indivíduo até determinada data, foi-lhe retirado. Esta retirada se deu por um período de tempo maior do que aquele que permite manter viva a recordação da experiência boa.

A tendência anti-social possui basicamente duas direções: a do furto e a da destrutividade. No furto, o adolescente busca recuperar no objeto roubado a mãe carinhosa, disponível e atenta que foi perdida. Na destrutividade, a busca é de uma estabilidade mental que possa suportar a tensão resultante de um comportamento impulsivo. Nesta linha podemos encontrar a mentira, a incontinência, o fazer bagunça e a vadiagem como parte da sintomatologia.

<sup>4</sup>No livro de WINNICOTT *A tendência anti-social* (1956) onde estão compilados artigos desde o pós-guerra imediato, práticas terapêuticas inovadoras são apresentadas, constituindo contribuições para uma abordagem cuja atualidade não se perdeu.

Uma característica essencial do ego que desenvolve a tendência anti-social é que ele já atingiu a capacidade de perceber que a causa do comportamento desastroso está em um fracasso ambiental. Isto é responsável pela distorção da personalidade e pelo ímpeto de buscar cura através de uma nova provisão ambiental.

O material que G trouxe a princípio se referia a quanto a mãe e o pai eram pouco compreensivos e diferentes do que ele emocionalmente necessitava. Tudo era referido no concreto: o pênis que ele queria e não tinha, o videogame que era proibido, a mesada que necessitava. Trabalhamos essa questão ligando-a por um lado à adoção e por outro à necessidade própria da adolescência, de diferenciação das figuras parentais. Aos poucos, G foi passando da posição onde o que importava era o que não tinha, para me mostrar que o que ele tinha em sua condição familiar era muito limitado. Nessa fase, contou-me que tanto o pai como a mãe tinham sido criados em colégio interno, e pensaram que essa poderia ser uma opção para ele. O rapaz sentia essa opção como uma ameaça.

Tentei marcar um encontro com os pais, mas o único a comparecer foi o pai. Perguntei a ele se a mãe estava desistindo do tratamento e ele me respondeu que pensava que ele estava desistindo de G. Fiquei sabendo então que cada vez que a mãe se decepcionava com o menino ficava uns tempos ignorando sua existência. Conversei também sobre a possibilidade de se acoplar uma terapia de família ao trabalho terapêutico de G. O pai foi categórico, disse que a esposa já tinha uma psicóloga para ela e que ele não tinha humildade suficiente para suportar um trabalho terapêutico. Frustrada com essa conversa, resolvi continuar investindo prioritariamente no trabalho com o garoto, trabalho este que ainda não apresentava frutos na sua relação com o mundo exterior.

Na terapia, G pôde então revelar como ele se sentia menos inteligente do que o pai e menos esperto do que a mãe. Contou-me também dois episódios relacionados ao preconceito vivido em relação à sua cor. No colégio era muitas vezes chamado de 'Neguinho' e ficava triste. Outro episódio era com uma mulher branca em um supermercado, quando foi confundido com um menino de rua. Ficou furioso!

Dois meses depois, recebi um telefonema do pai. Estava muito ansioso porque a escola havia comunicado que não aceitaria a matrícula de G para o semestre seguinte. Essa decisão tinha sido tomada porque o rapaz havia desrespeitado uma regra disciplinar ao se desentender com um professor. A escola também avisou que a próxima 'aprontada' dele seria rebatida com a expulsão. Liguei para a escola pedindo uma entrevista e não obtive resposta.

Nessa noite tive um sonho: G estava indo para um acampamento masculino e que eu o entregava nas mãos de dois homens – meu irmão e um amigo meu, analista. Tive uma espécie de alívio quando lembrei do sonho, mas esta sensação durou somente até o relato que fiz à supervisora que vinha acompanhando o caso. Ficou claro que este era um desejo meu: adiantar o período de férias (ainda faltava um mês e pouco) porque eu achava que nem ela

nem eu éramos capazes naquele momento de ajudar G.

Felizmente, apesar da minha apreensão, G pôde trazer o ódio para dentro da situação terapêutica e seu comportamento melhorou, possibilitando uma transferência para outra escola em julho, sem a pecha da expulsão. O objeto de seu ódio nessa fase foi a mãe. Tinha inúmeras queixas sobre ela: as marcas na pele do tempo em que era pequeno e alérgico a picadas de insetos (ela não cuidava para que ele não fosse picado); a falta de privacidade (ela revistava suas gavetas e sua mala escolar diariamente); o relato para o pai da sua menor falha do dia durante o jantar; certa ocasião em que ela ‘roubou’ dinheiro dele (justificando que ele sempre fazia isso com ela). O que mais me impressionou, nesse período, foi ele declarar que durante os bate-bocas intermináveis com a mãe ele pensava em morrer, pulando da janela. Como algumas tentativas de interpretação não funcionaram, li para ele o seguinte trecho do livro *Companhia Viva* de ANNE ALVAREZ (1994):

“Rosie, que era às vezes uma criança suicidamente provocativa, realmente parecia carecer de uma capacidade para parar a si mesma. Ela... estava levando sua mãe à beira de um colapso. Rosie parecia acreditar que sua mãe acreditava que ela estava constantemente querendo provocá-la... Se ela chorasse chamando a mãe, pela manhã, sua mãe não tinha dúvidas de que ela estava deliberadamente querendo perturbar seu sono. A criança começava a cantar, em algum local no outro lado da casa, e a mãe ficava convencida de que o canto era dirigido a ela e pretendia deixá-la louca de raiva... parecia que essa criança não podia escapar dessa repetição da desobediência e provocação, em círculos cada vez mais viciosos. Ambas estavam desesperadas, mas nenhuma delas conseguia evitar os acontecimentos. Na terapia, Rosie começou a fazer uma brincadeira em que ela estava num carro descontrolado rolando ribanceira – um símbolo para a maneira como ela agia de modo desafiador ou provocador, sentia que irritava a terapeuta e então se tornava mais desafiadora, temerosa e excitada. Isso conduzia a um comportamento ainda mais provocador e, finalmente, ao abandono e desespero. Seu rosto mudava, então, para uma espécie de máscara louca sorridente e ela ria sem emoção, dizendo: Quem se importa? e chamava a si mesma de cabeça de lixo. Em tais momentos, ela parecia não ter idéia de que esses carros descontrolados poderiam ser equipados com freios.”

Quando perguntei a G o que ele achava do que eu tinha lido, ele disse: “Eu entendi o que você quer dizer, mas não me mande explicar”. Realmente algo desta leitura fez sentido para ele, pois G passou a introduzir nas nossas conversas os amigos e a sua relação com as meninas’. Contou que já tinha ‘ficado’ com A algumas vezes e que achava a B e a C bonitas. Disse que não podia falar dessas coisas nem com o pai, nem com a mãe e que tinha umas perguntas para fazer, mas ficava envergonhado. Propus que conversássemos nós dois e embora ele tenha dito que era uma boa idéia, não nos deu chance de fazê-lo.

G foi aceito em agosto em uma escola especializada em atendimento a jovens com problemas de aprendizagem, na sexta série, uma abaixo da que ele

<sup>5</sup> Esta testagem constituiu-se de uma bateria formada por WISC (Escala de inteligência Wechsler para crianças), Bender (Prova gráfica de organização perceptiva) e HTP (House, Tree and Person).

cursava na escola anterior. O garoto logo percebeu que tinha por colegas jovens com distúrbios sérios de visão, de audição e/ou problemática emocional evidente. Ficou deprimido, sem motivação e me acusava de tê-lo posto 'naquela porcaria'. No final de agosto, a coordenação da escola estava de 'cabelos em pé' e fui chamada para uma reunião. Fiquei sabendo que G estava passando os dias sem produzir nada; que ele tinha se ligado ao pior aluno de sua classe e que gastava o tempo livre jogando mochilas no telhado ou descarregando extintores de incêndio. Nessa reunião ficamos de acordo que G era desafio e que iríamos continuar tentando tratá-lo.

Eu falei para G o teor da minha conversa na escola, chamei-o juntamente com os pais para uma reunião. Vieram pela primeira vez pai e mãe juntos, G não veio. A mãe tinha uma série de queixas: contou como G mentira a respeito de um trabalho escolar para poder ficar brincando com um colega, como continuaram aparecendo relógios que não eram dele em casa, como ele só dava trabalho, como o tratamento não estava adiantando para nada! O pai imediatamente interferiu, dizendo que G apresentava pequenas melhoras, que parecia em alguns momentos mais calmo e alegre. Perguntei a eles se queriam continuar investindo no trabalho terapêutico do menino e o pai disse que notava que quando G estava em terapia ele ficava 'menos pior de suportar'. A mãe, com ar de submissão, mudou então sua atitude e pôs-se de acordo com o pai.

No trabalho com G a partir de um game que ele trouxe, que é uma espécie de máquina fotográfica que pode juntar por exemplo o nariz de uma pessoa com a boca de outra, começamos a trabalhar a sua ascendência biológica: era brasileiro, de pele escura mas traços de branco, gostava muito de futebol e capoeira. Com o pai tinha interesses comuns, como os esportes, os carros. Se queixava das excessivas regras de disciplina que o pai impunha, principalmente na frente dos seus colegas. Com a mãe tinha uma relação menos formal, mais espontânea, mas às vezes passava vergonha porque ela bebia uísque direto na boca da garrafa na frente dos seus amigos.

Trabalhávamos a necessidade de integração desses diferentes aspectos da família de G quando chegaram suas primeiras notas obtidas na nova escola. Eram desanimadoras! Resolvi perguntar se ele sabia porque era tão difícil tirar notas razoáveis. Com ar de absoluto desânimo, ele disse que não tinha idéia de porque tinha dificuldades de memória, que na hora da prova 'dava branco'.

Resolvi discutir o caso de G com um grupo de profissionais experientes da nossa área, onde levantou-se a hipótese de o menino ser portador de um distúrbio de aprendizagem além da problemática emocional. Foi então feita uma testagem específica que nos levou ao diagnóstico de distúrbio de atenção visual e auditiva.<sup>5</sup> Fui até a escola e, juntamente com a coordenação, combinamos que eu pediria uma avaliação oftalmológica e auditiva e posteriormente uma avaliação neurológica. Coincidentemente nesse período o pai me telefonou

contando que em contato com um amigo que também tem um filho com problemas emocionais e pedagógicos tinha ficado com a suspeita de G ser portador de um distúrbio de atenção. Chamei os pais e o menino para uma reunião. Vieram o pai e G. Coloquei os resultados obtidos na testagem e tivemos um encontro muito produtivo. G mostrou-se participante, fazendo perguntas sobre o que poderia ser feito para ajudá-lo e o pai estava contente porque eu referendava o que ele tinha pesquisado sobre as questões do filho.

Estávamos perto do final do ano, G saiu-se melhor na escola e, apesar de ter ficado de recuperação, foi aprovado. Liberado da escola, ele sentiu-se de férias da terapia e faltou nas últimas sessões do ano. A mãe deixou um recado com um tom irritado na secretária eletrônica, dizendo que os exames que eu pedia já tinham sido feitos há tempos, mas que G iria fazê-los novamente. O pai me mandou um cartão de 'Boas Festas' no nome dele, da mãe e de G.

Em meados de janeiro, quando voltei de férias, me dei conta de que o pagamento do mês de dezembro não havia sido feito. Liguei para o pai, que providenciou um depósito bancário, sem maiores explicações. No dia combinado para o retorno à terapia, G não apareceu. Na sessão seguinte, ele me contou que não viera porque o pai não avisara a ele nem à mãe do compromisso. Apontei que ele se portava como um menino pequeno que não conseguia cuidar do que era seu. Ele me rebateu, mostrando que tinha cuidado bem de si nas férias. Os pais tinham permitido que ele ficasse na praia em companhia de seu grande amigo (filho do caseiro) e ele havia se divertido muitíssimo. Sentia-se à vontade com pessoas mais simples. Disse que tinha até chegado a sentir saudade da mãe.

Durante todo o mês de fevereiro G mostrou-se aparentemente disposto a vir à terapia. Falava da turma de amigos que tinha arrumado na praia, da menina que estava paquerando, das conversas que estava podendo ter com o pai, de como a relação com a mãe estava menos turbulenta. Começou também a se sentir motivado com alguns professores e em história tinha conseguido uma excelente nota, a melhor da classe. G parecia querer compartilhar comigo essa nova fase onde, menos deprimido, tinha uma vida mais feliz.

Paralelamente começaram a vir indícios de atuações dos pais. As cartas de encaminhamento para o oftalmo e para o otorrino foram perdidas e me requisitaram outras. O garoto foi mandado sozinho ao médico, que diagnosticou um quadro de miopia e recomendou óculos. Logo veio o recado por G de que os pais acharam que o distúrbio era leve e não necessitava de correção. Também recebi um pedido de relatório sobre o caso, vindo de um neurologista que os pais, por conta própria, tinham consultado. Resolvi 'não criar caso' e mandei um relatório sucinto do meu trabalho com o menino.

Estávamos por volta da metade de março e novamente o meu pagamento de fevereiro não havia chegado. Resolvi telefonar para o escritório do pai, com a intenção de marcar uma reunião. Ele me atendeu de forma

*ríspida, dizendo que estava muito ocupado e não tinha disponibilidade no momento. Afirmou que tinha estado na escola onde diziam que G tinha melhorado, mas ele não pensava assim. Quando eu perguntei se estava havendo algum problema, porque eu também não havia recebido meu pagamento, ele pareceu ficar ainda mais irritado e me perguntou de quanto era a 'sua dívida'.*

Incomodada com esse telefonema, registrei que o pagamento foi feito no mesmo dia e resolvi aguardar os acontecimentos. No dia seguinte G faltou à terapia. Tinha sido uma tarde de temporal e eu não estranhei a falta. Na sessão seguinte G também não apareceu. Na seguinte, ainda sem notícias, liguei no final da sessão. Quando G atendeu, se surpreendeu com o telefonema e me disse que na semana anterior o pai avisou que tinha 'cancelado' a terapia. Pediu que eu falasse com a mãe, que contou a mesma versão do rapaz. Eu disse que não estava entendendo o que se passava e que iria falar com o pai. Perguntei à mãe se ela sabia o motivo dessa decisão, e ela respondeu que 'o pai era uma pessoa muito correta'.

No dia seguinte deixei um recado para o pai dizendo que devia estar havendo algum equívoco e que aguardava a família para uma reunião. O pai respondeu que não tinha disponibilidade para conversar, pois já tinha conversado muito comigo. Disse que não podia negar que tinha ficado bem irritado porque na nossa última conversa, por telefone, se sentiu cobrado. Que no momento ele estava saturado de G, que o menino não se abria comigo e que eu era uma pessoa de boa vontade, mas que o tratamento que tinha sido realizado não tinha levado a grande coisa.

Chocada com o que acabara de ouvir, só consegui dizer que esse não era um bom jeito de resolver os problemas, que eu esperava que ele repensasse o que estava colocando e que aguardava um telefonema da família marcando um encontro. Ele disse que por ora o tratamento estava suspenso. No mesmo dia consegui conversar com a diretora da escola. Quando lhe disse que o trabalho terapêutico tinha sido interrompido, ela ficou bastante decepcionada porque o garoto tinha apresentado muitas melhoras tanto pedagógicas como no comportamento.

Nessa noite, tive um sonho. Nele o pai de G chutava a minha canela. Eu dizia: Senhor X, por que está me chutando? Ele respondia: Porque você me faz ver que eu preciso me separar da minha esposa e eu não quero fazer isto! Fiquei bastante 'dolorida' com toda essa situação. Nos dias subseqüentes perdi meus óculos e o caderno que estava usando para anotar as supervisões do último ano. Com o caderno, foram-se muitas anotações que eu tinha sobre o processo terapêutico de G.

Reverendo hoje toda esta situação, penso que o meu descuido foi pensar que após o bom encontro com o rapaz e o pai, o vínculo com o trabalho terapêutico ficaria fortificado. Pelo contrário, a partir desse contato parece ter havido uma desestabilização na homeostase familiar, que culminou na

interrupção do tratamento. Fiz questão de relatar este caso que não teve um 'bom término' porque acredito que o atendimento de certos casos de adolescentes ainda é um problema para o qual nós, profissionais, precisamos encontrar melhores soluções. E boas soluções só acontecem através da reflexão, do estudo e da troca de experiências.

Minha escrita vai chegando ao fim. Fico pensando que no final me entusiasmei com a tarefa e que também poderia ter escrito sobre as dúvidas profissionais, os rituais adolescentes e as questões amorosas nessa faixa de idade. Mas... não foi isto que escolhi...

Aí está: escolher, se adaptar às circunstâncias da realidade e saber perder são tarefas que adquirem importância vital na adolescência e se estendem pela vida afora.

**ABSTRACT:** *This work points out to issues of adolescence and some peculiarities of the clinic attendance to this population. Starting with clinical examples, the objective is to separate what is part of the development process as opposed to what can be characterized as pathology. Having Winnicott as a referral, some characteristics regarding this demographic segment are broached; the difficult in establishing a diagnosis, the necessity of a continent and flexible setting and the mixture of interventions and interpretations in the psychotherapeutic process. It brings an experience where it was not possible for the therapeutic process to have a good end, and emphasizes the necessity of finding out better solutions to the problems that usually distress the professionals that work with teenagers.*

**Palavras-chave:** Adolescência, Puberdade, Identidade, Turbulência emocional, Patologia familiar, Psicoterapia, Flexibilidade do *setting*.

**Key-words:** *Adolescence, Puberty, Identity, Emotional turbulence, Family pathology, Psychotherapy, Setting flexibility.*

Marly T. M. Goulart  
Rua Pará, 65 cjo. 82  
Tel: 3129-5415

E-mail: [marlygoulart@osite.com.br](mailto:marlygoulart@osite.com.br)

**BIBLIOGRAFIA**

- ABERASTURY, A e KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- ALVAREZ, A. Companhia viva. Psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- FERRARI, A.B. Adolescência o segundo desafio. Considerações Psicanalíticas. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade . E. S. B. Rio de Janeiro, Imago, 1969, vol. VII, p.135.
- GIDE, A. Thésée. Paris, Gallimard, 1946.
- GOULART, M.T.M. "Aprendendo a andar de skate" Boletim Formação de Psicanálise, 6 (2): 65-71, 1997.
- GRAÑA, R. B. Técnica psicoterápica na adolescência. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- GRAÑA, R. B. "O adolescente e a psicoterapia: paradoxos" In: Técnica psicoterápica na adolescência. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, pp. 3-14.
- KNOBEL, M. "A síndrome da adolescência normal" In: Adolescência normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992, pp. 24-62.
- LEVISKY, D.A. Adolescência- Reflexões psicanalíticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- OSÓRIO, L.C. Adolescente hoje. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- OUTEIRAL, J. O. Adolecer – Estudos sobre adolescência. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- WINNICOTT, D.W. (1968) "Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior" In: O Brincar e a realidade. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. (1956) "A tendência anti-social" In: Privação e delinquência. São Paulo, Martins Fontes, 1987, pp.127-137.
- WINNICOTT, D. W. (1963) "Atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência" In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990, pp.218-224.

## NOTAS SOBRE "SOBRE O TÉDIO"

\* Eric Bidaud é psicanalista, professor assistente em psicopatologia na Universidade Paris 13 e autor do livro *Anorexia mental, ascese, mística*. Foi especialmente por meio deste livro que conhecemos Bidaud. Desde nossas primeiras leituras sobre o tema anorexia, chamou nossa atenção sua compreensão sobre esse transtorno. Bidaud associa à conduta anoréxica a noção de tentação, entendida como uma relação mortífera com o objeto de necessidade. Releva aqui a noção de espaço, enfatizando um campo que se instaura na relação mãe-filha, gerador de ressonâncias importantes na subjetivação da anoréxica. Já no artigo que se segue tratará da noção do tempo e de como o tédio, compreendido como um afeto, terá importância fundamental em algumas patologias, dentre elas a anorexia.

Em agosto de 2000 Eric Bidaud esteve no Brasil, justamente apresentando esse trabalho no II Colóquio "A Psicanálise, a Educação e os Impasses da Subjetivação no Mundo Moderno", realizado pela Universidade de São Paulo.

Nessa ocasião, concedeu-nos uma entrevista e nesse encontro pudemos também apresentar nosso projeto – *Anorexia e feminilidade* – e nosso interesse em dar continuidade a esse intercâmbio sobre a clínica dos transtornos alimentares. Assim, este artigo nos foi encaminhado visando essa interlocução.

\* Psicanalista, professor-assistente em psicopatologia na Universidade Paris 13.

CEPPAN

Clínica de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia

Grupo formado por psicanalistas do Departamento Formação em Psicanálise coordenado por Ana Paula Gonzaga e Cybelle Weinberg

## SOBRE O TÉDIO

**Eric BIDAUD\***

Traduzido por Claudia M. Pacheco

**RESUMO:** *O tédio é um afeto "ordinário" que foi pouco estudado no registro da psicopatologia. Uma aproximação da questão parece-nos possível com relação a duas categorias essenciais que estruturam a relação do sujeito com seu desejo: o fazer (vivido no tédio como impossível) e o tempo (experimentado como longo nesse mesmo afeto).*

<sup>1</sup>Tradução livre de "Ao leitor", in *As flores do mal*, de Charles Baudelaire:

Nos currais infames de nossos vícios,  
Ele é o mais hediondo, o mais perverso,  
o mais imundo!

Embora não se manifeste nem em  
grandes gestos nem em grandes gritos,  
Ele fará, de bom grado, da terra uma  
sucata,

E, num boccejo, engolirá o mundo,  
É o Tédio!

*Nossa análise permite articular o sentimento do tédio, em particular na anorexia mental, ao espaço do devaneio diurno que imobiliza o sujeito em sua relação com o outro, instalando uma relação de dominação.*

*Se a adolescência é um período favorável à instalação do tédio, este deve ser associado, como modo de defesa, a toda situação de passagem e de remanejamento psíquico.*

Dans la ménagerie infâme de nos vices,  
Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!  
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grand cris,  
Il ferait volontiers de la terre un débris  
Et dans un bâillement avalerait le monde;  
C'est l'Ennui...

*Charles Baudelaire. Au lecteur. Les fleurs du mal.<sup>1</sup>*

Se é verdade que a descrição e a análise do tédio foram tomadas em uma vasta rede discursiva, percorrendo o domínio da religião, da literatura e da medicina, o tédio, na qualidade de afeto "ordinário", permaneceu não-essencial ou negligenciável no registro da psicopatologia. Admitiremos que a pesquisa sobre a angústia domine a análise freudiana dos afetos, fazendo circular em torno desta toda a abordagem do sofrimento psíquico. Uma clínica do tédio, do *Langweile*, como afeto doloroso e de longa duração, poderia enfocar, na obra freudiana, a melancolia de um lado e a neurose atual de outro (observando que Freud, nos seus primeiros estudos, soube reunir as três entidades clínicas: melancolia, anorexia, neuroses atuais). Freud, no manuscrito G, inscreveu sua pesquisa sobre a melancolia no quadro estabelecido a propósito da neurastenia e da neurose de angústia, ou seja, das neuroses atuais. A etiologia associada à vida sexual atual repousa em um mecanismo que relaciona tensão sexual somática e tensão sexual psíquica. Como se a neurastenia assinalasse uma deficiência de tensão sexual somática decorrente de masturbação excessiva e a neurose de angústia, uma acumulação de tensão sexual somática proveniente de fora do psiquismo, principalmente pela prática do coito interrompido; a melancolia assinala uma anestesia sexual. Freud distinguirá o afeto da melancolia ou, sobretudo, estabelecer-lhe-á um modelo, aquele do afeto do luto, "ou seja, o pesar amargo de alguma coisa perdida. Poderia, portanto, tratar-se, na melancolia, de uma perda, perda no domínio da vida sexual... a melancolia é um luto

provocado por uma perda de libido”<sup>2</sup>. A descrição da melancolia como afeto resultante de uma inibição psíquica, acompanhada de um empobrecimento pulsional, “cujo sofrimento, que assim seja”, poderia aplicar-se à problemática do tédio.

Poderíamos igualmente direcionar nossa atenção ao recurso em Freud à noção de nostalgia<sup>3</sup> ou de languidez sob o termo de *Sehnsucht*, que marca esse estado de reencontro impossível com os objetos originais da satisfação. Em “Inibição, sintoma, angústia”, Freud designa um modelo inicial de nostalgia a partir da situação do lactente que, na incerteza do retorno da mãe, “pode, então, sentir alguma coisa como a nostalgia, sem que esta seja acompanhada de desespero”, desde que a mãe saiba desenvolver em seu bebê as primeiras capacidades de espera por meio de experiências reassseguradoras. Aqui, encontra-se evocado o valor da elaboração psíquica do estado de nostalgia.<sup>4</sup>

Não é menos correto que, nesse quadro, o verdadeiro tédio, o Langweile, permaneça um afeto discreto e de fraca autoridade clínica e teórica. O trabalho relativamente recente de Michèle HUGUET<sup>5</sup> sobre a questão marca, sem dúvida, um progresso importante. M. Huguet definiu o tédio como um afeto que exprime a experiência do tempo vivido como longo. O tédio, que não é nem depressão nem angústia, manifesta uma ruptura da relação para com o objeto. Trata-se de um estado vivido como “lá”, onde nada acontece, nem em si nem fora de si, e onde esse nada poderia não se passar; o sofrimento do tempo vazio e desertado deixa o ego a salvo de qualquer perigo e a salvo da espera, fixando uma relação de imobilidade do indivíduo com o tempo atual. Como se não houvesse nada mais para ele além do sentimento de um tempo que escoia à maneira de uma coisa e que não sustenta nenhum desejo. O tédio instaura um puro presente que oprime.

### O tempo e o fazer

Não insistirei mais, ao longo deste artigo, sobre as diferentes formas de denominação do tédio e suas variedades descritivas e introspectivas. Orientarei minha análise em relação a dois eixos conjuntos: o tempo e o fazer, por onde parece-nos desenhar-se uma certa estrutura do tédio. Ver ou não ver o tempo passado traduz toda a relação do indivíduo com o tédio, em vias de surgir ou não em uma questão que se coloca precisamente como “fazer alguma coisa de seu tempo”. O modelo do estado de tédio pode ser aquele da criança que permanece horas em frente aos seus deveres sem poder decidir-se a fazê-los, entediando-se. Ela pode delirar, pensar que, em vez dos deveres, poderia brincar, mas, quando o tempo lhe é dado para brincar, ela não sabe o que fazer e entedia-se do mesmo modo. “Tenho vontade de fazer nada”, pode dizer, então. É isto o que Sandor FERENCZI aponta em uma passagem de seu diário clínico em 1932: “O que entediar-se significa? Ter a fazer aquilo que se detesta e não ser capaz de fazer aquilo que se amaria. Em todos os casos, uma situação de

<sup>2</sup> FREUD, S., *La naissance de la psychanalyse*, trad. fr. A. Bertran, Paris, PUF, col. “Bibliothèque de psychanalyse”, 1956, p. 93.

<sup>3</sup> Deve-se observar que, particularmente na língua alemã, ter o tempo longo (o tédio) e ter nostalgia são expressões com o mesmo sentido. Cf. M. HEIDEGGER, *Les concepts fondamentaux de la métaphysique*, trad. fr. D. Paris, Paris, Gallimard, 1983, p. 127.

<sup>4</sup> Remetemos, para aprofundamento dessa noção, ao artigo de M. C. LAMBOTTE, “Nostalgie”, in *Encyclopaedia Universalis* (última edição).

<sup>5</sup> M. HUGUET, *L'ennui ou la douleur du temps*, Paris, Masson, 1987.

<sup>6</sup> S. FERENCZI, "De l'ennui", in *Journal clinique* (janeiro-outubro de 1932), Paris, Payot, 1985, p. 64.

<sup>7</sup> P. JANET, *De l'angoisse à l'extase*, Paris, Ed, Societé Pierre Janet, 1975, p. 104.

<sup>8</sup> M. HEIDEGGER, *op. cit.*, capítulo II.

sofrimento."<sup>6</sup> A vivência do tempo longo articula-se a um "fazer" vivido como impossível ou privado de sentido, e ainda largamente incompreensível. No tédio, o ego sente-se abandonado pelas "coisas" e por ele mesmo – ele é esquecido e não se conhece mais. O ego entediado é ignorado e, em consequência, ignorante: ignorante daquilo que deseja, ignorante quanto ao desejo propriamente dito. O "não sei o que fazer" da criança que se entedia marca não somente o desvario de um ego abandonado a si mesmo, mas também o apelo a um outro do qual espera um saber, um saber portanto precisamente sobre seu desejo. Desse outro, diríamos, ele espera uma distração. Concordamos, nesse ponto, com Pierre Janet que, em suas pesquisas clínicas sobre "os sentimentos de vazio", indica que o "tédio é caracterizado pela exageração de uma conduta particular, aquela da procura da distração"<sup>7</sup>; por isso, acrescentamos, que essa procura é fundamentalmente uma espera indeterminada. O entediado espera que, do exterior, alguma coisa venha preencher seu vazio. Ele deseja que a distração surja no sentido de uma aparição feérica de um prazer intenso, mas, tão logo sobrevenha uma distração, o ego entediado nela vê apenas uma vã recreação, um objeto falsificado que o desilude. O objeto da distração não "suporta" o sujeito – e este suporta muito menos ainda ao objeto, ele não tem nada a fazer com ele. O entediado espera do outro um objeto que o insatisfaça sempre. É por essa razão que se encontra no sofrimento de um infinito tempo de espera. Poderíamos formular que o tédio é aquilo que é sentido no instante em que o objeto que desejo possuir não parece fazer de mim nada mais do que se não o possuísse. Crise súbita de objetos pela qual se experimenta sua absurdidade, sua não-utilidade. Os objetos não nos solicitam a "fazer" qualquer coisa deles, no sentido não simplesmente de uma ação, mas de um engajamento psíquico, de um movimento interno pelo qual somos ligados aos mesmos. Os objetos imobilizam-nos e fazem-nos experimentar o tempo longo. Se situamos o desejo como precisamente aquilo que opera uma ordenação do tempo e do fazer, o tédio surge da alteração desses dois registros. (Remetemos vivamente à longa reflexão de Martin Heidegger sobre o tédio, sobre o qual estabelece "um componente de estrutura" a partir da "juntura" de dois estados: "O estado de arrastar-se pelo curso do tempo que tarda a passar e, depois, o estado de ser esvaziado pelas coisas que se recusam.")<sup>8</sup>

Enfim, se no tédio o "fazer alguma coisa do seu tempo" é experienciado como impossível, é na medida que esse "fazer" é privado de sentido. O outro, do qual teria de fazer alguma coisa, aparece-me como inapto tanto para receber quanto para dar. Ele me dá as costas. *Ao contrário*, o que seria não entediar-se? Atribuir sentido, isto é, extrair a si do simbólico, ao endereçamento do outro, que, ao recebê-lo, ao acolhê-lo, dá sentido ao nosso sentido. Em certa medida, não entediar-se é ser preenchido pelo outro – no melhor caso, satisfazer-se com isso. Assim, o tédio é a marca em si da falta do outro, no sentido da falta no outro. Queremos dizer que no tédio o outro me

coloca à prova de sua impotência em me completar. Ao mesmo tempo em que o tédio me significa meu próprio vazio que me separa do outro, o outro se significa em seu próprio vazio.

### A acídia

A noção de acídia, designando na teologia cristã aquilo que experimenta o sujeito “entediado” em sua impotência de se juntar a Deus, permite alimentar nossa reflexão sobre o tédio profano como sofrimento *do* outro e, principalmente, como doença da idealidade.<sup>9</sup> Aplicando-se sobretudo à vida dos monges, a acídia é um estado que conta entre os “oito maus pensamentos”, designados igualmente sob o nome de “oito espíritos de malícia” ou, ainda, “oito vícios capitais”. Segundo a lista de Evagrio Pôntico, esses vícios são: a gula, a fornicação, a avareza, a tristeza, a cólera, a acídia, a glória vã e o orgulho. “Não se trata tanto de pecados”, indica F. Thierry-Marie Hamonic, “mas das principais tentações às quais o monge é confrontado”. No fim da Idade Média, após muitas peripécias, os oito maus pensamentos tornaram-se os sete pecados capitais, quais sejam: o orgulho, a inveja, a cólera, a preguiça, a avareza, a gula, a luxúria. A tristeza desapareceu, a glória vã foi integrada ao orgulho e a inveja ocupou o lugar restante para obter o setenário. Quanto à acídia, ela cedeu lugar à preguiça. Essas modificações explicam-se em grande parte pelo que poderíamos chamar de uma secularização dos vícios capitais: eles cessaram de designar as tentações próprias ao estado monástico para tornarem-se a lista dos principais pecados aos quais todos os cristãos, leigos ou clérigos, estão expostos.<sup>10</sup> Na língua dos escritores espirituais, a acídia é, sobretudo, o tédio e o desânimo que se apropriam do monge incapaz de determinar-se e cumprir as tarefas às quais deveria entregar-se. São dois os tipos de efeito acidioso a reter: um que precipita o sujeito no sono; outro que o impulsiona a abandonar sua cela. Assim, a acídia é a distração que leva ao sonho ou ao devaneio diurno, assim como a um “fazer outra coisa”. Indicaremos que a tradição monástica representa a acídia sob os traços do mais temível dos demônios, “o demônio da meia-idade”, o qual, na nossa consciência profana, traduz a “vagabundagem” do desejo sexual e a tentação da infidelidade. Esse demônio nos remete à dimensão do tempo e do desejo culpável. Na acídia, o religioso é conduzido a uma dinâmica transgressora. Ele não está lá onde deveria estar, no recinto de sua contemplação. Ele é desviado de Deus em um “algueres” de devaneio do qual nada pode dizer. A acídia assinala em sua essência a tendência ao prazer, ao “concupiscível”.

Esse rodeio pela acídia permite avançar na análise do tédio como aquilo que opera um desvio, um distanciamento de um pólo suposto de perfeição. Qualquer outra coisa da ordem do sexual atrai, tenta. Esse estado de esgarçamento entre um pólo ideal e um pólo sexual produz o enclausuramento, onde se experimentam múltiplas variações do sentimento de vazio interior.

<sup>9</sup> Cf. M. Huguet, *op.cit.*, p. 92.

<sup>10</sup> F.T.M. HAMONIC, L'acédie et l'ennui spirituel selon saint Thomas, in *L'ennui*, revista Autrement, col. Mutations, Paris, 1988, p. 90.

\*N.T.: refere-se à personificação de uma tentação de natureza afetiva e sexual que se apodera do homem no meio de sua vida.

<sup>11</sup> J.J. Rousseau, *Les Rêveries du promeneur solitaire*, Paris, Flammarion, 1964, p. 87.

### O far niente

A análise do tédio acidioso permite suscitar uma ligação paradoxal: se o nada interno experimentado no tédio marca o desgosto de se fazer o que se tem a fazer, é na medida que se exerce sobre o sujeito uma atração, um desvio em direção do devaneio. O sofrimento do tédio não tem unicamente por objeto uma vontade de nada fazer em relação ao que é esperado de mim, mas ao mesmo tempo uma vontade indefinível de se fazer outra coisa.

A linguagem faz sobressair a ambigüidade própria desse afeto. Se o trivial “tenho vontade de fazer nada” exprime o tédio, a mesma frase pode traduzir um bem-estar, o “precioso *far niente*”, do qual fala Jean-Jacques Rousseau precisamente em seus devaneios solitários. “O precioso *far niente* foi o primeiro e o principal desses gozos que eu quis saborear em toda a sua suavidade, e tudo o que eu fiz durante minha estada não foi nada além da ocupação deliciosa e necessária de um homem que é devotado à ociosidade.”<sup>11</sup>

O *far niente*, associado ao devaneio em Rousseau, vem em reação (compensação ou reparação, diz ele) a uma humanidade que se recusa a ele e até mesmo conspira para sua infelicidade. E se o *far niente* pode ser “gozos” no devaneio, pode também, a todo instante, mostrar sua face de sofrimento e desembocar em uma repetência de queixas e lamentos por onde o outro é sempre fonte de sofrimento. Assim, de um lado, o “fazer nada” como gozo no devaneio, de outro, “o fazer nada” como sofrimento do outro, sofrimento em razão do outro (em Rousseau, sofrimento persecutório), conduzindo ao tédio. Avançamos sobre a idéia de que, nesse último caso, o tédio é um *far niente* interceptado de seu devaneio. Atrás do *nada* esconde-se o devaneio morto (como poderíamos dizer que uma língua está morta não quando ela não existe mais, mas quando ela não serve mais). O tédio constituir-se-ia, assim, no “refluxo” do devaneio, no lugar deixado vago pelo devaneio.

Tratando-se no tédio de uma ruptura do prazer em fazer o que se pode fazer em um tempo para si, podemos evocar o espaço potencial definido por D. Winnicott, que permite que o sujeito seja ligado a seus objetos por meio do modo do prazer de criar imaginariamente laços, de *fazer* qualquer coisa de seus objetos.

“Brincar é fazer”, enuncia Winnicott. Poderíamos supor que no tédio o espaço potencial não esteja perdido, mas imobilizado. Mostra-se aqui que o desejo parece suspenso em relação a seus objetos, e não que não exista desejo. Existe como que um desprendimento e uma ruptura da dinâmica interna, que se traduz pelo caráter imobilizador e mortificante do tédio.

### A propósito da anorexia

Nossa pesquisa anterior sobre anorexia mental permitiu-nos reunir a integração do ato alimentar às noções essenciais de ritmo, de escansão e de

espaço temporal<sup>12</sup>. Na subversão anoréxica, é o tempo, a partir de um poder suspensivo de desinvestimento, que perde suas marcas e sua função organizadora. Se a sabedoria social nos diz que há tempo para tudo, a anoréxica replica que tudo pertence ao tempo e que, em consequência, não existe mais tempo. O tempo é, a partir de então, congelado, mortificado, instalando uma dimensão em que não há mais o que se desejar ou o que se esperar. Investir a ausência, preencher um tempo vazio, sem começo nem fim, é também conjurar a morte, impedir o sofrimento infligido pela perda. O tempo simbólico, aquele do desejo, transforma-se em tempo morto, um tempo parado, às vezes doce e temível; ao final, um tédio longo e infinito.

Mostramos que a tentação produzida pela privação alimentar induz a uma excitação obsedante, a uma invasão da psique pelos devaneios de alimentação da qual precisamente o sujeito se priva, devaneios que o preenchem e o exaltam. Mas esse estado de tentação não ocorre sem desembocar em um vazio assustador, em um nada dificilmente nomeável, como se, de repente, o sujeito se encontrasse no abandono de seus devaneios. Esse abandono “absoluto” junta-se ao que havíamos descrito sob o forte termo da ausência, ou seja, do espaço interior marcado por um vazio não preenchível: nenhum devaneio, nenhum imaginário interno está em condições de ocupar esse espaço. De algum modo, o vazio sentido segue a um excesso de devaneios.

Se o vazio, na medida em que constitui-se pela experiência fundamental da falta, funda a possibilidade do espaço interior, ou psíquico, que terá de preencher-se, organizar-se em “coisas psíquicas”, o vazio pode conservar-se em si próprio em ruptura da inter-subjetividade na posição depressiva. Ele funde-se também no narcisismo anoréxico, na nostalgia de um paraíso perdido, na espera fictícia de um mais-além da relação com o outro. Em sua nostalgia, o anoréxico fica enlutado de seu devaneio.

### O que é querer nada?

Que isso nos autorize a dizer algumas palavras sobre o estatuto simbólico do nada. Entediar-se não é não pensar, mas é pensar em nada; não é não desejar, mas é nada desejar. É esse nada que faz ofício de alguma coisa sobre o plano simbólico. Lacan, a propósito da anorexia mental, defendeu esse tipo de reflexão. “... Isso pode unicamente explicar a verdadeira função de um sintoma como aquele da anorexia mental. Eu já lhes disse que a anorexia mental não é um não-comer, mas um não-comer nada. Insisto – isso quer dizer comer nada. Nada é justamente algo que existe no plano simbólico. Não é um *nicht essen*, é um *nichts essen*. Esse ponto é indispensável para compreender o fenômeno da anorexia mental. O fato visto em detalhe é o de que a criança come nada, o que é diferente de uma negação da atividade. Dessa ausência saboreada como tal, ela faz uso tendo em vista o que tem à sua frente, a saber: a mãe, da qual depende.

<sup>12</sup> E. BIDAUD, *Anorexia mentale, ascèse, mystique*, Paris, Denoël, col. “L'espace analytique”, 1997.

<sup>13</sup> J. LACAN, *Le Séminaire, Livre VI: La relation d'objet*, Paris, Seuil, 1994, pp. 184 e 185

<sup>14</sup> R. DOREY, *La relation d'emprise*, in *Nouvelle revue de psychanalyse*, Paris, Gallimard, 1981, n° 24, pp. 117 a 139.

<sup>15</sup> S. FERENCZI, *op.cit.*, p. 66.

\* (N.doE.) Do alemão: *nicht essen*, não comer, e *nichts essen*, comer nada

Graças a esse nada, a criança a faz depender dela.”<sup>13</sup>

Por intermédio do nada de seu tédio, o sujeito entediado endereça ao outro o significante de sua inaptidão a responder à espera. O outro é imobilizado em relação a esse nada e é apoderado, ele mesmo, pelo tédio. O tédio circula na relação até, às vezes, estabelecer uma dominação pela qual se elaboram neutralização e despossessão do desejo do outro<sup>14</sup>. Nós capturamos aqui a dimensão ativa do tédio em sua relação com o outro. Seríamos mesmo levados a pensar que o tédio endereçado ao outro está no âmago de toda relação de dominação, notadamente na problemática obsessiva em que atua ao máximo, como seu nervo essencial. O tédio apareceria, assim, como uma modalidade defensiva contra importantes moções destrutivas, como maneira de desinvestir o mundo, de destruí-lo em favor da economia para proteger-se dele, pelo preço de seu próprio empobrecimento. Ferenczi, em artigo já citado, indicava: “Atrás do vazio do tédio, esconde-se toda a experiência ou a série de experiências que levou a esta incapacidade: irritação dolorosa, tendências encolerizadas e defensivas, sentimento de aflição ou medo da possibilidade de explosões de ódio e de agressões irreparáveis.”<sup>15</sup>

Podemos, a partir dessa reflexão, determo-nos sobre o tédio que pode capturar mais ou menos duradouramente a relação analítica. Reflitamos sobre esses pacientes que vêm muito conscienciosamente a suas sessões fazer seu “relato”, onde precisamente nada parece acontecer. O analista adormece, o analisando fazendo-se quase esquecer à distância de todo o trabalho psíquico. O analisando entedia-se, talvez, ou entedia o analista, congelando a relação em um tempo longo que promove o observar da hora. Esse discurso, avançando sobre um modo factual, não ocorre sem ocupar uma função precisa, aquela de intervir no pensamento do analista e em sua capacidade de investimento, neutralizando-os. Esse sinal de tédio, do mesmo modo que o sinal de angústia, funciona no lugar do analista como indício de que alguma coisa se fecha - indício de enclausuramento, efeito de dominação do analisando.

### O ódio da espera

Entediar-se: desolar-se então por estar com vontade de nada fazer, mas, uma vez que alguma coisa pareça apta a nos distrair e que afaste o tédio, o engano, este não falha em recair como uma tampa no instante em que precisamente se engaja a necessidade do “fazer”. O tédio desapareceu tão-somente pelo tempo da representação da distração, pelo tempo de seu devaneio. Ele retorna quando se impõe o tempo da elaboração de um fazer a partir do devaneio. É esse tempo de elaboração que se experimenta como longo e que dura até obscurecer não somente a tela do devaneio, mas o conjunto da realidade invadida de vacuidade.

A ancoragem do tédio em um fundo de devaneio implica, pela impregnação de processos primários, um desvio do tempo com o risco de

impor-se como ódio do tempo. O sonhador flutua acima do tempo, faz deste aquilo o que quer, o dispõe na antecipação da realização de seus desejos. Assim, o tédio, em sua relação com o tempo, resultaria da disjunção entre a antecipação de um prazer que os processos primários representam no devaneio como imediato e o ponto longínquo da realização experimentada como impossível. É nessa disjunção que vem estagnar um tempo imutável, sem direção, um tempo sem expectativa que parece massificar-se em um presente que não produz nada além de si próprio. Um tempo que “funciona” além do tédio é um tempo que autoriza a espera, um tempo que sustenta o desejo em busca de seus objetos. O tempo longo do tédio não é o tempo da espera, mas, ao contrário, o tempo da impossibilidade da espera. O escoamento temporal da representação a esse ponto sempre incerto da realização é sentido como uma espera insuportável. Poder esperar é levar em conta o tempo do outro, ou seja, o tempo de seu desejo.

No tédio, o sujeito não consegue mais investir a realidade, nem mesmo aquela de seu devaneio. Ele resta em um entremeio, em um meio tempo, como se estivesse em suspensão entre o todo de seu devaneio e o nada da realidade. Nesse lugar, o sujeito não recusa o tempo, mas quer combatê-lo, levá-lo à morte, enquanto o tempo testemunha o desejo do outro sobre o qual não obtém captura. Investir o tédio, como mostramos anteriormente, é uma maneira de manter a dominação sobre o desejo do outro, e essa dominação passa por um ataque ao tempo.

### Tédio e depressividade

Se é possível dizer que ninguém escapa, ou escapou, do tédio ao longo de sua existência, esse pode constituir uma modalidade privilegiada de humor. A questão coloca-se de forma diferente quando o tédio organiza ou regulamenta a relação de certos sujeitos com o mundo. O tédio pode, então, dominar o conjunto das condutas e do funcionamento psíquico desses sujeitos, situando-os mais em uma posição de depressividade do que de um verdadeiro estado depressivo. Pierre Mâle descreveu, sob a noção original de morosidade, o curso lancinante do tédio em alguns adolescentes, que evoca deste modo: “Não encontramos outra palavra para definir esse estado particular de alguns adolescentes; que não é a depressão, com seu caráter de angústia, de inibição formal, de culpabilidade manifesta; que não é a psicose pois a perda de realidade não está presente e nenhum sintoma dissociativo pode ser compilado; que é mais próximo talvez do tédio infantil: ‘Não sei o que fazer, do que brincar, etc.’ É necessário reconhecer aí um estado verdadeiramente tímico? Não acreditamos nisso. É um estado que manifesta, sobretudo, uma recusa de investir o mundo, os objetos, os seres. As coisas ficam sem interesse, deslizam... Os projetos para o futuro, as motivações próprias da vida são freqüentemente recusadas: ‘Nada serve para nada, o mundo é vazio.’ Essas fórmulas poderiam parecer depressivas,

<sup>16</sup> P. MÂLE, *La crise juvénile*, Paris, Payot, 1982, p. 211.

mas elas não se integram em um quadro tímico. Elas são compatíveis com uma energia aparentemente conservada.”<sup>16</sup> Isto é, compatíveis com um possível, que poderíamos qualificar de enclausurado.

O tédio – e é isto o que o distingue da depressão – não diz respeito ao desespero. É sua não-relação com o desespero, assim como com a esperança, que conduz o ego mais à letargia do que a uma verdadeira vontade de desaparecimento. O entediado é um desesperado em falta. (Bernanos encontrou esta bela fórmula: “O tédio é uma forma abortada do desespero.”)

Se o outro é mantido e reconhecido em sua existência ao menos com o despertar da inquietação nele suscitada pela morosidade que deve suportar, é a relação que é, todavia, congelada por essa mesma morosidade, que mantém aquela continuidade da dominação da qual falamos acima.

Além do caso particular da adolescência, o tédio pode ser vinculado, em seu processo de aparição e em sua economia de “crise branda”, às situações de passagem: luto, ruptura existencial... tempos de remanejamento psíquico e de sucumbência da economia do sujeito. Uma história de reclassificação clínica das categorias de afetos ligados a esses tempos – tédio, morosidade, tristeza, cansaço – e sua conceitualização estão por percorrer-se em um primeiro tempo. Em seguida, a hipótese a sustentar seria aquela de um deslizamento atual dessas categorias sob a denominação clínica de estado depressivo, o que não ocorre sem fomentar confusão na perspectiva de uma pesquisa estrutural.

O enigma do tédio, o fato de seu esvaecimento como afeto ordinário e flutuante, ligando e desligando o sujeito em sua relação com o mundo, relança o discurso clínico, assim como o debate a este interligado sobre a questão do normal e do patológico, sobre uma psicopatologia dos afetos cotidianos.

**ABSTRACT:** *The boredom is an ordinary affect quite unconcerned about psychopathologie. An approach of this affect is possible with regard to two main categories structuring the subject and his desire: the “make” (felt to be impossible) and the time (felt to be long).*

*Our research establishes the connexion between boredom and daydream which immobilizes the subject and creates mastery in relations, in particular in anorexia.*

*The adolescence is a favourable period for the establishment of the boredom as a mechanism of defence.*

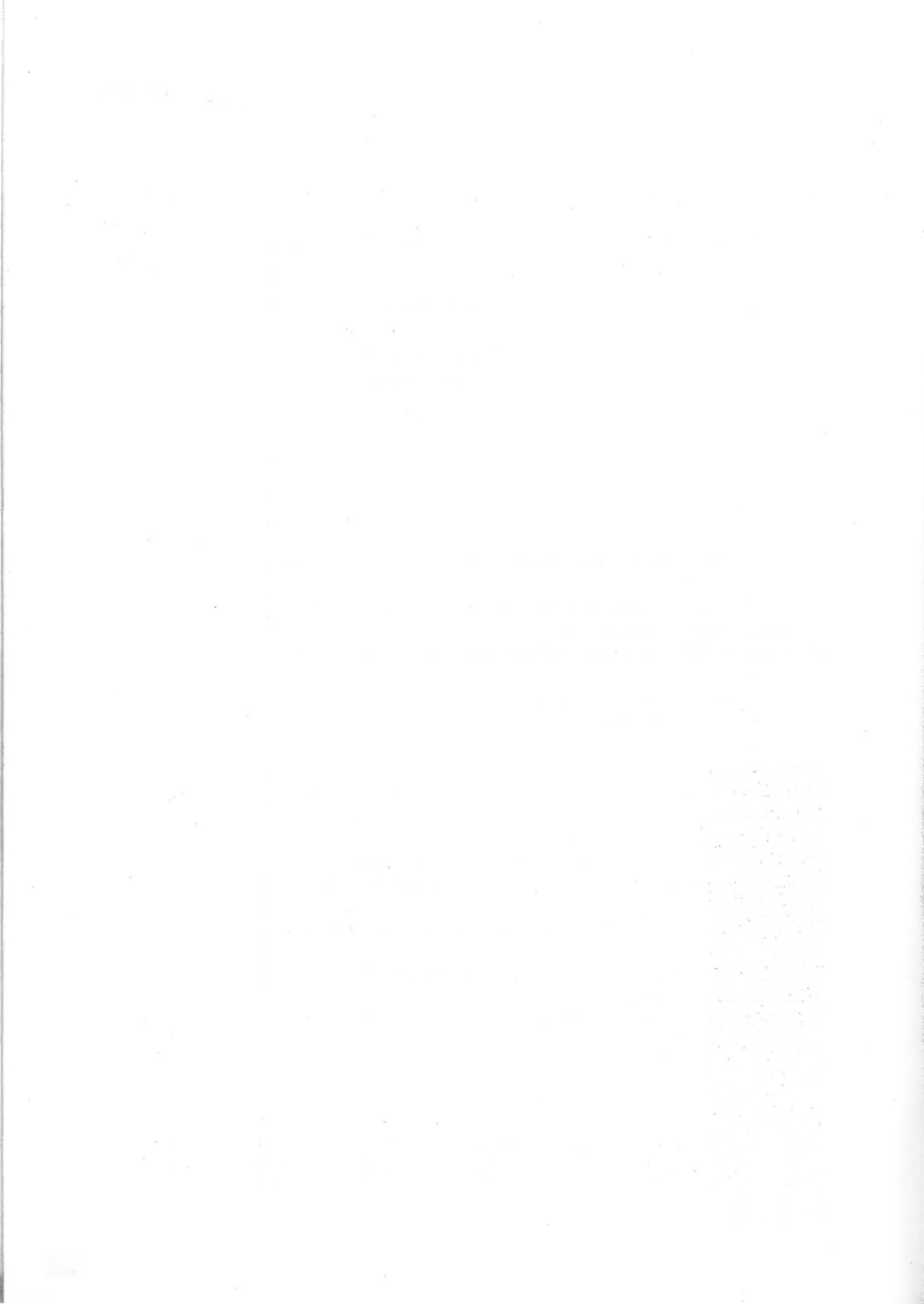
**Palavras-chave:** *Tédio, devaneio, tempo, dominação, adolescência.*

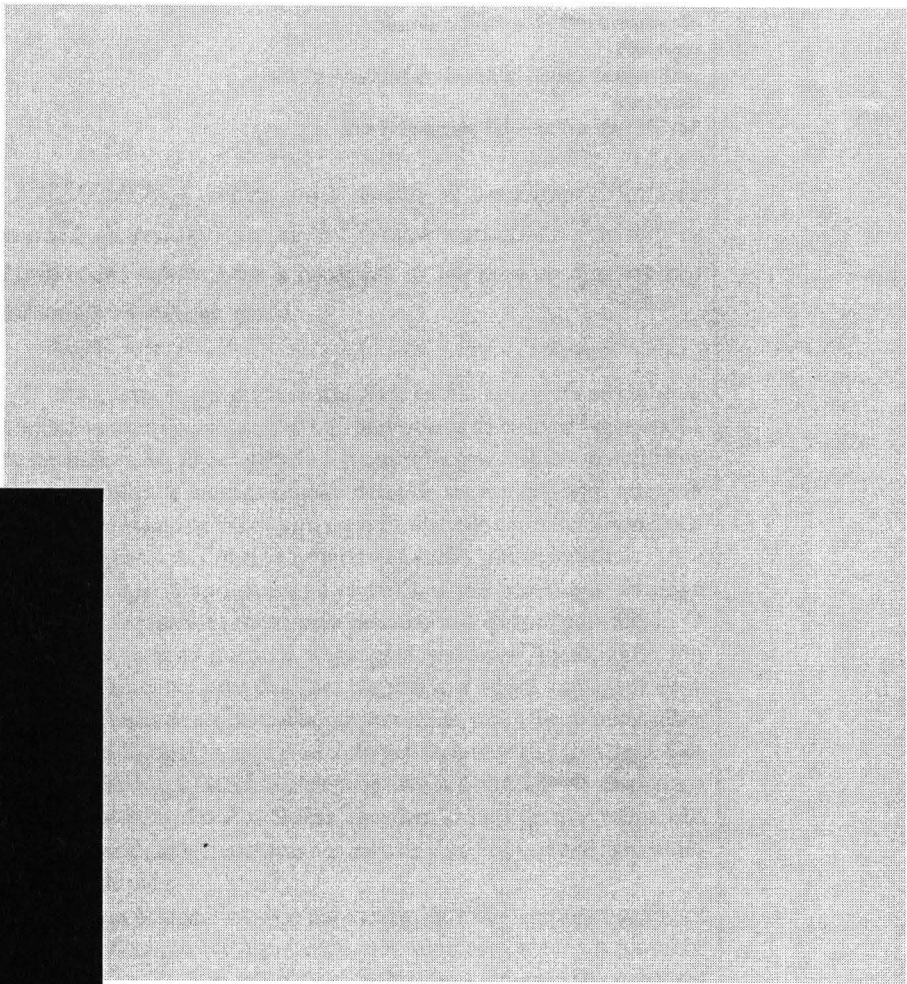
**Key-words:** *Boredom, daydream, time, mastery, adolescence.*

*tradução de Claudia M. Pacheco, e-mail:  
cmargarido@uol.com.br*

## BIBLIOGRAFIA

- BIDAUD E. Anorexie mentale, ascèse, mystique. Une approche psychanalytique. Paris, Denoel, 1997.
- DOREY R. Le relation d'emprise, in Nouvelle revue de psychanalyse. Paris, Gallimard, 1981, n° 24, pp.117-139.
- FERENCZI S. (1932) "De l'ennui", in Journal Clinique, Paris, Payot, 1985, p. 64.
- FREUD S. La naissance de la psychanalyse. Trad. fr. A. Berman, Paris, PUF, col. "Bibliothèque de psychanalyse", 1956, p. 93.
- HAMONIC F.T.M. "L'acédie et l'ennui spirituel selon saint Thomas", in L'ennui, rev. Autrement, col. Mutations, Paris, 1988, p. 90.
- HEIDEGGER M. Les concepts fondamentaux de la métaphysique. Trad. fr. D. Panis, Paris, Gallimard, 1983, p. 127.
- HUGUET M. L'ennui ou la douleur du temps. Paris, Masson, 1987.
- JANET P. De l'angoisse à l'extase. Paris, Ed. Société Pierre Janet, 1975, t.2, p. 104.
- LACAN J. Le séminaire, Livre IV: La relation d'objet. Paris, Seuil, 1994, pp.184-185.
- LAMBOTTE M.C. "La nostalgie", in Encyclopaedia Universalis (última edição).
- MÂLE P. La crise juvénile. Paris, Payot, p. 211.
- ROUSSEAU J.J. Les rêveries du promeneur solitaire. Paris, Flammarion, 1964, p. 87.





**L E I T U R A**



# CONCEPÇÃO E NARCISISMO DE VIDA

(O desejo de imortalidade do Eu)

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Psicanalista,  
Membro Efetivo do Departamento  
Formação  
em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae,  
Mestranda  
do Núcleo de Psicanálise da PUC-SP

**RESUMO:** *A autora usa o conceito de narcisismo de vida ou positivo do psicanalista André Green, narcisismo a serviço de Eros, para refletir sobre a concepção de um novo ser e os aspectos narcísicos envolvidos nesta.*

O título deste artigo pode de imediato causar uma certa estranheza. Como se articulam esses dois conceitos? Um proveniente da biologia – concepção, ou ato de ser concebido, de ser gerado – o outro da psicanálise – narcisismo. Sendo que o conceito de narcisismo não deixa de ser um conceito que gera controvérsias, e narcisismo de vida é uma especificidade do conceito denominada pelo psicanalista francês A. Green. Começemos, então, pelo narcisismo ...

O termo narcisismo passou a conter um viés moral que restringe nossa capacidade de pensá-lo, tanto para psicanalistas, quanto para leigos. O termo narcisismo se incorporou à linguagem cotidiana quase como um sinônimo de egoísmo, ou para designar alguém que adora a imagem de si mesmo, o que não deixa de ser parcialmente pertinente, mas cabe ao psicanalista a responsabilidade do rigor teórico, podendo pensar o conceito fora deste viés moral no qual se encontra. Geralmente encontramos o conceito de narcisismo vinculado às patologias. Poucos textos abordam o fato de que todos nós necessitamos de gratificações narcísicas ao longo da vida, e de que este narcisismo é um narcisismo de vida.

Sobre esta perspectiva – do narcisismo de vida – retomamos Freud buscando uma interlocução que se pretende, neste momento, breve. Os conceitos abordados são objeto de discussões, principalmente a última teoria pulsional de Freud.

Na sua última teoria das pulsões, FREUD (1938) reagrupa como pulsões de vida todas as pulsões que anteriormente eram antagônicas.

Antagonismo que passa a ser somente entre pulsão de vida e pulsão de morte.

*... Depois de muito hesitar e vacilar decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, Eros e o instinto destrutivo. (O contraste entre os instintos de auto-preservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros.) ... (p. 173)*

Ou seja, o narcisismo incide dentro de Eros. Freud nos fala de um contraste entre amor do ego e amor objetal. Quando o amor do ego se enriquece, o amor objetal empobrece e vice-versa. Como será que podemos pensar neste equilíbrio entre libido narcísica e libido objetal, ambos banhados por Eros? Parece existir uma interdependência entre libido objetal e libido narcísica, o equilíbrio se daria pelo fato de que um necessita do outro? Freud nos fala de uma quota de libido que é armazenada no ego e que este investe nos objetos, transformando libido narcísica em libido objetal. Usa a metáfora da ameba com seus pseudópodos para ilustrar esta dinâmica energética. A esta quota de libido armazenada no ego denomina narcisismo primário.

O conceito de narcisismo primário levanta controvérsias, por ser compreendido por alguns psicanalistas como um estado anobjetal. O protótipo deste estado seria a vida intra-uterina. Atualmente se sabe que o feto humano já tem trocas com seu meio. LAPLANCHE E PONTALIS (1992) perguntam... *“como passar de uma mônada fechada em si mesma para o reconhecimento progressivo do objeto?”* (p. 289). Nos parece uma tarefa difícil. Mas se pensarmos no narcisismo “primário” como a interiorização de uma relação, uma identificação narcísica com o objeto, já nos aproximamos da nossa reflexão sobre a interdependência entre libido narcísica e libido objetal.

Chegamos ao mundo com a nossa bagagem pulsional, necessitando ser humanizada. Nos tornamos humanizados no encontro com outro ser humano que nos libidiniza. Para este primeiro outro — supostamente a mãe — o bebê tanto é uma realização de suas aspirações narcísicas como um novo objeto. Os pais libidinizam seu bebê, e o bebê, por sua vez, traz uma realização “narcísica-objetal” para seus pais. Realização narcísica que não é uma negação da castração, é um narciso humanizado, castrado, se assim podemos dizer. Não é “Sua Majestade o bebê”, mas é o bebê possível, o bebê humano.

Podemos pensar as relações humanas ocorrendo neste campo “narcísico ↔ objetal” e que o equilíbrio destas polaridades acontece pelo conjunto das experiências vividas no processo de humanização e pelo legado pulsional de cada um. Aqui demos um salto teórico próprio, colocamos “narcísico-objetal” lado a lado, dentro de um mesmo campo psíquico, como polaridades que se afetam mutuamente e onde há um constante movimento entre estas polaridades. O equilíbrio é o movimento, um esforço contínuo de voltar novamente ao

ponto de equilíbrio, não é estático, é um processo ativo. Estamos constantemente buscando o equilíbrio entre nossos investimentos “narcísicos-objetais”. Ou seja, não seria possível pensarmos em um investimento puramente narcísico, ou puramente objetal. Mesmo quando existe um desequilíbrio – podemos pensar nas patologias – ambos continuam presentes.

A denominação de Green — narcisismo de vida ou narcisismo positivo — vem de encontro à postulação de Freud em 1938, citada acima, de que o narcisismo incide dentro de Eros. Mas não seria possível compreendermos as patologias narcísicas se o narcisismo incidisse apenas dentro de Eros. Green propõe chamar de narcisismo negativo as relações entre narcisismo e pulsão de morte.

Freud não chegou a rever o conceito de narcisismo à luz de sua última teoria pulsional. Mas se pensarmos que o aparelho psíquico é banhado pela pulsão de vida e pela pulsão de morte, não há nada no psiquismo que escape desta luta de titãs.

O escopo deste trabalho é privilegiar as relações entre o narcisismo e a pulsão de vida, e a relação destes conceitos com a concepção e a filiação. É com este objetivo que propomos a análise de um poema de Lya Luft (1997, p. 37):

### **Canção da imortalidade**

Os filhos que tive são adultos,  
com filhos que também tiveram: sangue  
e cílios,  
jeito de andar, gesto  
e gosto nesta vida estão nessas carnes que pari.

Através delas olham-me o amado morto,  
a avó perdida, e o mistério de tudo  
que sempre me assombrou. Rosa de espantos,  
catavento de traços espalhados  
como num milagre de multiplicação,  
cheio de surpresas: porque ali  
naquele olho azul me vejo, naquela fina mão te vejo,  
amado meu, como eles se verão futuramente  
quando nós formos apenas sombra  
na memória.

O primeiro objeto de reflexão se coloca já no título do poema — *Canção da imortalidade*. Freud, no capítulo VI do texto *Além do princípio do prazer*, apresenta pela primeira vez com este nome, a pulsão de morte. E para falar sobre a pulsão de morte e a pulsão de vida, começa a refletir sobre a morte e a imortalidade. Faz uso da teoria de Weismann, na qual há uma divisão na

substância viva de partes mortais e imortais. A parte mortal é o corpo ou soma, a parte potencialmente imortal são as células germinais. Estas podem transferir, mesmo que parcialmente, para outro corpo sua herança genética. Freud faz uma comparação entre a sua teoria pulsional e a teoria de Weismann. A pulsão de vida, na qual se insere agora a pulsão sexual, é a corporificação da vontade de viver, as células germinais. A pulsão de morte é a parte mortal, a tendência ao zero, a desintegração.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) FREUD escreve:

“...O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja disposição põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive...”(p. 94)

A sexualidade passa a ter uma função que transcende o indivíduo, ela é o veículo de ligação entre as gerações. A imortalidade é uma imortalidade relativa. Parte da herança genética de cada um dos pais é transmitida para um outro ser humano. E na sucessão de gerações esta herança genética vai se pulverizando ... *catavento de traços espalhados como num milagre de multiplicação...*

Narcisismo e imortalidade são conceitos que se relacionam. O narcisismo, como investimento libidinal no Eu, é o responsável pelo desejo de imortalidade e pela crença inconsciente na mesma. É um Eu cindido, onde uma parte se reconhece mortal, e deseja a imortalidade, mesmo que relativa. E outra parte – inconsciente – se crê imortal, não reconhecendo a morte do Eu, nem dos objetos. Para Freud a morte não tem representação no inconsciente.

“É deste ponto de vista que se pode realmente falar de imortalidade, isto é, de uma autêntica recusa da morte no seio de um Eu que se sabe mortal, com seu duplo que se recusa a admitir a fatalidade do término de sua existência. A referência à sexualidade nem por isso é deixada de lado. No entanto, a imortalidade do gérmen não tem representação no inconsciente. Em contrapartida, à mortalidade biológica do soma assim como à consciência da morte responde a imortalidade de uma parte do Eu. É o narcisismo – efeito da sexualização das pulsões do Eu – a causa disto.” (GREEN 1998, p. 291)

A imortalidade de que Luft nos fala é a imortalidade a serviço de Eros, é parcial e implica na consciência da própria morte. Satisfaz o desejo narcísico de imortalidade do Eu, reconhecendo a transitoriedade da vida. Assim como Freud – *é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive.*

Estamos aqui nos apoiando na biologia, mas também podemos pensar que esta gratificação narcísica saudável do Eu se encontra em vários campos da atividade humana. Escrever um livro, artigos, dar aulas, atender

nossos pacientes estão no campo das gratificações narcísicas de um psicanalista. O desejo de imortalidade do Eu está presente em vários contextos, não somente na transmissão do patrimônio genético. E se coloca tanto a serviço de Eros como a serviço de Tânatos. Podemos encontrar o desejo de imortalidade tanto na normalidade quanto na patologia.

O desejo de imortalidade que se realiza narcísicamente na concepção — *...porque ali naquele olho azul me vejo...* — é ao mesmo tempo constatação da finitude e da transitoriedade da vida. Por isso podemos falar de um “narciso castrado”, ou de uma realização narcísica “modesta”, já que implica no reconhecimento de seus limites.

Freud, ao fazer sua análise do sonho de Irma, revela suas fantasias de imortalidade, imaginando a placa comemorativa do desvendamento da vida onírica. Desejo de imortalidade que se realizou, dentro de um contexto de genialidade que escapa à maioria de nós.

Talvez a realização narcísica que ocorre na concepção de um novo ser seja a mais comum e a mais visceral — *...gesto e gosto nesta vida estão nessas carnes que pari...*

Luft cria com palavras um jogo de espelhos onde ela se vê — narciso enamorado — e vê o outro perdido — o objeto perdido, através de um outro presente.

*...porque ali naquele olho azul me vejo, naquela fina mão te vejo, amado meu,...*

Luft se vê dentro de uma cadeia geracional, onde o passado — *a avó perdida, o amado morto* — o presente — *os filhos que tive...com filhos que também tiveram* — e o futuro — *como eles se verão futuramente* — permeiam seus investimentos “narcísicos-objetais”. Investimentos que acompanham o fluxo da vida, que é uma constante busca de equilíbrio entre os investimentos narcísicos e os investimentos objetais.

Nossos investimentos objetais nunca morrem totalmente, permanecem como sombra na memória. Podemos sobreviver à morte de entes queridos — *o amado morto* — graças às pulsões de vida e ao narcisismo de vida. O objeto morto, quando a pulsão de vida prevalece — o investimento libidinal no Eu, pode ser esquecido e ficar como *sombra na memória*, e não como sombra sobre o ego, como encontramos no luto melancólico, caracterizado pelo puro cultivo da pulsão de morte. No inconsciente nossos objetos nunca morrem, não há registro de morte no inconsciente. Recriamos nossos objetos perdidos nos sonhos, que serão sempre *...apenas uma sombra na memória*.

“... essas ruas sombrias da mente onde os mortos continuam a viver — e sua característica de doçura talvez provenha do fato de o sonhante poder vê-los novamente com vida, como num filme recriado, com autonomia, pela memória. São sonhos comuns a todos nós, na infundável elaboração de nossos

lutos...”(MARTINS, 1995)

Todos nós temos o nosso Hades, onde as almas se encontram. E ao qual também pertenceremos e seremos apenas sombra na memória daqueles que amamos. Talvez este Eu encurralado na constatação da transitoriedade da vida, tanto de si mesmo como de seus objetos, precise acalentar um desejo narcísico de imortalidade, mesmo que relativo.

Quando um casal deseja conceber um filho, é esta realização a serviço do narcisismo de vida que está em jogo, dentro do campo da normalidade. É poder ver partes de si em um outro ser e ver também partes do amado. O desejo relativo de imortalidade do Eu se estende para o desejo de imortalidade do par.

O ato de conceber evidencia a cadeia geracional à qual pertencemos, é um voto pela vida e ao mesmo tempo uma consciência da morte e da finitude. No ato da concepção, concepção biológica e psíquica de um novo ser, o berço pulsional no qual somos gerados revela toda sua força. É como se estivéssemos diante da beleza das construções da natureza, admiramos e ao mesmo tempo nos sentimos pequenos e amedrontados diante de tamanha força de construção e destruição.

*Através delas (nessas carnes que pari) olham-me o amado morto, a avó perdida, e o mistério de tudo que sempre me assombrou....*

**ABSTRACT:** *The author uses the concept of narcissism of life or positive by the psychoanalyst André Green to reflect on the conception of a new being and the narcissistic aspects implied by it.*

**Palavras-chave:** *Narcisismo, Narcisismo de vida e Concepção.*

**Key-words:** *Narcissism, Narcissism of life and Conception.*

**BIBLIOGRAFIA**

- FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. E. S. B., Imago, RJ, 1975.  
\_\_\_\_\_. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. E. S. B., Imago, RJ, 1975.  
\_\_\_\_\_. (1940). *Esboço de Psicanálise*. E. S. B., Imago, RJ, 1975.  
GREEN, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Escuta, São Paulo.  
LUFT, Lya. *Secreta mirada*. Mandarim, São Paulo, 1997.  
MARTINS, R. B. "Algumas considerações sobre o sonho e suas funções".  
*Rev.Bras.Psicanal.* 39 (1): 55-68, 1995.

**Marina Ferreira da Rosa Ribeiro**

Rua

Jericó 255, cj.128

Vila Madalena São

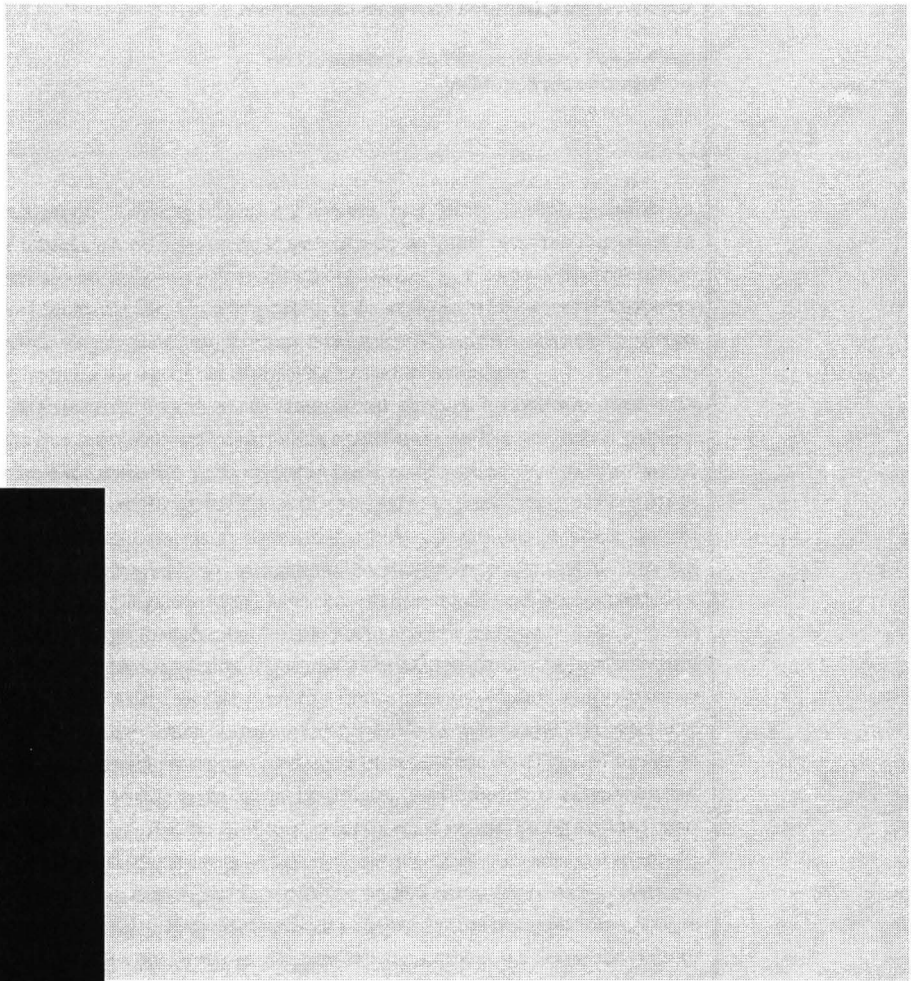
Paulo – SP

Fone

3819-0325

[marinar@ruralsp.com.br](mailto:marinar@ruralsp.com.br)





**R E S E N H A**



# O SETTING NA ANÁLISE DE CRIANÇAS

Margarida Azevedo Dupas

Psicanalista  
Membro do Grupo de Resenha e da Comissão  
Editorial  
do Departamento Formação em Psicanálise  
Instituto Sedes Sapientiae

JOSEPH, BETTY. "Thinking About a Playroom". *Journal of Child Psychotherapy*. 24(3) 359-366, 1998.

O artigo *Thinking About a Playroom*, que Betty Joseph publica no *Journal of Child Psychotherapy* de dezembro de 98\*, discute a respeito da sala de atendimento no trabalho psicanalítico com crianças, e *nos encoraja a repensar os seus objetivos básicos*. Ela focaliza a importância do *setting* para favorecer o terapeuta a ter liberdade de pensar e sentir o que está ocorrendo com a criança e consigo próprio, e com os aspectos da *transferência e contratransferência*.

A autora dá ao tema um tratamento simples e coerente com uma psicanalista que tem bastante experiência e profunda análise pessoal. É preciso lembrar que é no trabalho com crianças onde mais podemos nos confundir; por outro lado, ele é muito gratificante por seu aspecto profilático, por ser fonte de compreensão do processo emocional e pela oportunidade única de um contato com as camadas mais primitivas da mente inconsciente de um ser humano ainda nos estágios iniciais do desenvolvimento de suas potencialidades.

Nesse artigo Joseph cita Melanie Klein ao enfatizar que os princípios da psicanálise são os mesmos, qualquer que seja a idade do paciente, mas que a técnica deve ser adaptada à situação da criança. Tanto para os adultos como para as crianças, pensamos no *setting* como sendo capaz de proporcionar um ambiente físico e psicológico que favoreça ao paciente a possibilidade de ter condições de se trazer como um todo, com seus impulsos, ansiedades e sentimentos. Considerando que as crianças, em particular as mais novas, se expressam mais através da ação do que das palavras, a sala deve ser adequada para isso. Por exemplo, se for muito pequena, a criança claustrofóbica poderá entrar em pânico ou a muito ansiosa não conseguirá se distanciar suficientemente de seus perseguidores. Joseph conta que um de seus pacientes, muito perturbado, começou a desenhar vulcões em uma das paredes da sala. No dia seguinte, restos do desenho ainda eram visíveis para ele, e tinham concretamente se tornado vulcões. Apavorado, teve que se afastar o mais longe possível, até a parede oposta; a dimensão da sala permitia uma distância suficiente para ser graduada.

A autora observa também, que a sala de atendimento precisa ser de forma a permitir à criança, pelo menos até certo ponto, expressar sua agressão ou real destrutividade, praticar pequenos estragos, arrastar móveis sem que o terapeuta tenha que se preocupar constantemente com a sala ou com o que está sendo feito a ela. Dessa forma, poderá pensar e sentir livremente e ser capaz de observar o que vem da criança e o que é despertado em si próprio.

Assim como a sala de jogos deve estar equipada para acolher uma grande quantidade do que quer que seja que a criança traga, o analista também deve estar semelhantemente equipado. Sobre esse aspecto do *setting* a autora lembra Klein que assim escreve em *A técnica psicanalítica do jogo - sua história e significado*:

“Isto implica que o analista não deveria mostrar reprovação pelo fato de a criança ter quebrado um brinquedo; entretanto, ele não deveria encorajar a criança a expressar sua agressividade ou sugerir a ela que o brinquedo pode ser consertado. Em outras palavras, o analista deveria permitir à criança vivenciar suas emoções e fantasias à medida que elas emergem. Sempre foi parte de minha técnica não usar influências educativas ou morais, mas ater-me tão somente ao procedimento psicanalítico, o qual, em poucas palavras, consiste em compreender a mente do paciente e em fazer chegar a ele o que está se passando nela.”

Poder continuar pensando, conversando e explicando à criança - e não apenas se defendendo ou retaliando - é de grande importância para o tipo de objeto que a criança pode introjetar e com o qual pode se identificar: uma figura forte e realmente bondosa. Como observa Klein no trecho citado, o analista permite à criança expressar suas emoções e fantasias na medida em que elas emergem e tolera, sem desaproveitar, os danos causados; não sugere que o paciente faça o que quer que seja, mas tenta falar com a criança sobre eles.

O artigo ressalta, também, a importância do analista compreender que, na medida em que o tratamento prossegue, o paciente pode começar a descobrir sua capacidade de reparação e de cuidado para com as coisas; ou seja, de se distanciar de sua atitude paranóide e se aproximar do que Klein descreve como posição depressiva. Porém, há uma questão técnica: até que ponto deveria ir o dano físico? É claro que não deveria atingir a pessoa do terapeuta mas, em relação ao ambiente físico, não deveria ser tal a ponto de perturbar ou interferir no tratamento de outros pacientes. Ter liberdade de ver o que vem da própria criança é fundamental para o trabalho. Não deveríamos, por exemplo, esperar que a criança arrume ou guarde seu material, mas simplesmente tentar seguir, compreender a maneira peculiar de como a criança lida com isso e interpretar de acordo com essa maneira.

Betty Joseph levanta questões a respeito do aspecto do jogo que afetam essa reflexão sobre o equipamento e o *setting* no trabalho analítico com crianças. Em que momento o jogo deixa de ser uma comunicação? Quando o analista

deveria entrar na brincadeira? O analista deveria brincar com a criança? Se, por exemplo, uma criança pedisse ao analista para participar de um jogo lançando uma bola para ele, e esperando essa bola de volta, ele poderia fazer o que a criança pedisse até compreender do que se tratava e faria uma interpretação em função disso. A criança poderia então tentar defensivamente continuar a atividade como um jogo a fim de não pensar sobre a interpretação e qualquer ansiedade que ela lhe possa ter despertado. A questão do terapeuta sair fora da brincadeira ou recusar-se a participar dela - assim como outras questões semelhantes, aparentemente técnicas - esbarra em sentimentos altamente pessoais, tais como desejo de ser uma figura boa e fazer a criança feliz, o que poderia levar o terapeuta a continuar brincando; ou medo de despertar raiva e ódio na criança caso ele parasse.

Há dificuldades específicas que interferem no desenvolvimento da análise de crianças, como algumas tensões, tanto internas como externas. O analista deve deixar claro qual é a sua responsabilidade ao analisar a criança, mesmo que isto possa entrar em choque com o que ele sente que os pais realmente querem dele. Ele precisa estabelecer com independência os objetivos da análise, que não correspondem ao propósito de curar os sintomas apresentados pelos quais a criança foi originalmente trazida para tratamento. Existem ansiedades que podem levar o analista à negação dos sentimentos hostis da criança e da ansiedade persecutória, ou a uma conduta tal como a de apelar à razão da criança - sugerindo que o analista não foi capaz de aceitar a penosa responsabilidade analítica e assumiu o papel de substituto dos pais. Um trabalho de análise pessoal é a única maneira de fazê-lo sensível às questões inconscientes, o que vai permitir a ele lidar com a transferência da criança, suportando-a em alguns momentos, pontuando, esclarecendo e interpretando. A esse respeito, Joseph enfatiza que o terapeuta precisa estar consciente de sentimentos como rivalidade com a mãe ou com o pai; desejo de ser melhor pai ou mãe do que eles são; ou uma necessidade de não sê-lo; ou, ainda, de ser acusado de medíocre e rigoroso. Tais sentimentos são particularmente despertados quando nossos pacientes são crianças, o que afeta os sentimentos paternos do terapeuta. Todos esses aspectos tornam o terapeuta suscetível ao que a criança projeta e tende a atraí-lo a exteriorizar seus sentimentos através de atos, assim como faz a criança. Quotidianamente, no tratamento de crianças, vemos surgir situações que parecem questões técnicas quando, na verdade, os próprios desejos ou necessidades inconscientes do analista podem facilmente contaminar sua abordagem analítica. É muito difícil para nós, analistas ou terapeutas, manter fora do tratamento nossos próprios valores morais ou educacionais.

Utilizando muitos exemplos, esse artigo enfatiza a necessidade de termos um objetivo básico no trabalho analítico: *ganhar e dar compreensão - e ter consciência da importância da constante interação entre o analista e a criança; quer dizer,*

*do modo pelo qual o par influencia um ao outro constante e inconscientemente. A compreensão da importância da encenação da e na transferência - ou seja, a maneira pela qual o paciente sutilmente influencia, manipula e pressiona o analista a assumir algum tipo de atitude ou comportamento, alcançando suas defesas ou desejos inconscientes - é, atualmente, a questão mais importante na área da análise infantil. Esse é um tema que tem sido desenvolvido recentemente por vários autores. É interessante notar que nossa compreensão sobre este tipo de manipulação inconsciente na transferência baseia-se essencialmente no trabalho de Melanie Klein sobre identificação projetiva - no fato do indivíduo projetar impulsos, ou partes de si mesmo em outra pessoa, para se livrar deles ou controlar a outra pessoa, ou, ainda, como uma maneira de comunicar sentimentos. A identificação projetiva, que leva à encenação, é operativa o tempo todo e precisa ser lembrada quando estamos tomando decisões técnicas que parecem ser as mais simples. O analista deve ser cuidadoso e vigiar seus sentimentos contratransferenciais que podem conduzi-lo a retaliar, a ameaçar ou compactuar. Por essas razões, Betty Joseph enfatiza a importância de um ambiente em que o terapeuta esteja suficientemente livre de ansiedade e de preocupação a ponto de ser capaz de estar consciente do que está sendo despertado nele e do que está surgindo a partir da criança.*

#### **BIBLIOGRAFIA**

The Official Journal of the Association of Child Psychotherapists

Margarida Azevedo Dupas  
Av. General Furtado Nascimento, 740 - conj. 106  
05465 070 - São Paulo, SP  
Telefone: (11) 3022 4643 Fax: (11) 3022-7810  
e-mail: gdupas@uol.com.br

## NORMAS DE APRESENTAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE TRABALHOS

O *Boletim Formação em Psicanálise*, revista do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, é uma publicação semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins na forma de artigos, leituras (comunicações, comentários ou resenhas de livros), conferências e entrevistas.

Os artigos e trabalhos para publicação deverão ser apresentados como se segue:

1. Três cópias, acompanhadas de disquete, à Comissão Editorial do *Boletim Formação em Psicanálise*.

2. Em uma folha de rosto deverá constar o nome do autor, sua qualificação, endereço, telefone (com CEP e DDD) e endereço eletrônico (e-mail); o nome ou qualquer identificação do autor deverá constar apenas da página de rosto, de modo a garantir o anonimato do autor durante o processo de avaliação do seu trabalho.

3. Deverá ter a seguinte estrutura: título, resumo em português, resumo em inglês, palavras-chave em português e inglês e referências bibliográficas.

4. Padrão gráfico indispensável:

- usar *itálico* para palavras estrangeiras ou para serem destacadas.
- não usar *sublinhado*; o *negrito* deve ser restrito aos títulos de artigo e entre seções.
- digitação em uma só face, em espaço duplo, fonte *Times New Roman*, tamanho doze.

5. As citações no texto devem ser colocadas entre aspas, incluir o sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido do ano da publicação do trabalho entre parênteses e o número da página da citação deve ser colocado ao final da mesma e entre parênteses. Exemplo:

REIK (1948), em "Le psychanalyste surpris", assinala que: "A resposta analítica é portanto a réplica emocional e intelectual ao discurso, ao comportamento e a aparência do paciente..." (p. 249)

6. As citações também poderão ser inseridas em notas de rodapé numeradas consecutivamente na página do texto.

7. Se o trabalho citado tiver dois autores, os sobrenomes de ambos deverão constar na citação ligados por um '&': caso tenha três ou mais autores somente deverá aparecer o sobrenome do primeiro, seguido da expressão 'et alli.' ou 'et al.'. Exemplo:

“Como tão bem salientaram LAING et alli. (1974), para a compreensão...”

8. As referências bibliográficas devem vir no final do texto, dispostas da seguinte forma:

- em ordem alfabética de acordo com o sobrenome do autor e suas obras pela ordem cronológica de publicação.

- ao terminar a digitação da primeira linha da referência bibliográfica deve-se iniciar a próxima, começando embaixo da terceira letra do sobrenome do autor que inicia a referência.

- se várias obras forem publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras *a, b, c*, etc. Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras onde ele é o único autor, seguidas das que ele é co-autor. O nome dos autores não serão repetidos, apenas indicados por um traço.

- afim de evitar a repetição do nome do autor quando se referencia um capítulo de sua obra, o nome é substituído por um travessão que precede o título. Exemplo:

FREUD, Sigmund (1898). “O mecanismo psíquico do esquecimento.”

In: *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

p. 315-326. (Edição Standard Brasileira).

9. As referências bibliográficas devem conter:

- nome e sobrenome do autor ou autores; o títulos do livro destacados em itálico seguidos da editora e o ano da edição; se uma referência é dada a partir de outra edição que não a original, a data da original deverá figurar entre parênteses após o nome do autor. Exemplo:

ROSENFELD, H. (1987). *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

- as revistas citadas nas referências bibliográficas devem conter nome, sobrenome do autor ou autores, o nome do artigo (entre aspas) o nome da

revista em destaque (em itálico), o número e volume do fascículo, ano de publicação e início e fim de páginas.

- As abreviaturas 'v', 'n' e 'p' deverão ser substituídas pelo volume; número entre parênteses e o número de página precedido por dois pontos.

Exemplo:

FÉDIDA, P. "Introdução a uma metapsicologia da contratransferência"  
*Revista Brasileira de Psicanálise*, 20 (4) : 613-629, 1986.

10. Tabelas, gráficos e figuras devem vir em anexo, em preto e branco, referidas em números arábicos, constando do respectivo título.

11. As traduções devem apresentar também uma cópia do artigo original, com todas as indicações sobre a edição e versão de que foi traduzida, acompanhadas da autorização do autor por escrito.

Os textos recebidos serão encaminhados à apreciação do Conselho Editorial, que decidirá sobre sua aprovação. Todo artigo entregue será avaliado por dois membros do Conselho Editorial. Caso não haja consenso haverá uma terceira avaliação. Se dois conselheiros recusarem o artigo, este será rejeitado para publicação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados para publicar. Sendo o artigo aprovado, sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Endereço para encaminhamento dos trabalhos:

Instituto Sedes Sapientiae,  
Departamento Formação em Psicanálise  
Rua Ministro Godói, 1 484  
05015 900 – Perdizes – São Paulo – SP  
Fone: 3873 2314



